

REVISTA DA SEMANA

Nº 7

17-2-45



CR \$
1,50
EM TODO
O BRASIL

250

**ANIVERSARIO
GRANDE EDIÇÃO
PARA 1945**



A' VENDA



HISTÓRIA DO PAPADO — Concílio de Nicéia. A guarda suíça do Papa. Marcha papal. Lista cronológica dos Papas. Os anti-papas. Nacionalidade dos Papas. E muitos outros assuntos no **"ALMANAQUE EU SEI TUDO" de 1945**, à venda em toda parte. Preço **Cr\$ 10,00**. Atende-se pelo reembolso.

**COMPANHIA EDITORA AMERICANA —
MARANGUAPE, 15 — RIO**

MIGUEL H.

Almanaque EU SEI TUDO

C
para
mo na
das tr
colsa
grece
meira
palav
—
E
gritel
—
A
fé e d
P
casos
—
como
volte
pêlho
solidã
S
deram
e pôs
talvez
em ex
rém d
o idê



Os limpos de alma, aglomerados, organizam o Carnaval...

A HORA

Idéia foi o ator Alvaro Pires. Conheci-o num bonde, igual a qualquer passageiro. Depois o encontrei numa conversa. Pleno último ato. A condessa devia estar morta. Alvaro Pires exclamava, com gestos enormes, desfeitos em torno e em cima do corpo, o corpo magro, que se alongava, multiplicava, e se sumia no espaço como os reflexos de uma árvore partida pelo sol numa água silenciosa, ao cair da noite. A peroração em imagem de gente. Sublime! Seria o ex-empresário da Comédia Brasileira o primeiro convidado para morar na casa onde então imaginei reunir, para estudos de história natural, diversos modelos da variedade humana. Todos inocentes. Com direito a jornais da tarde, rádio, flores, cigarros, água tônica. Sem telefone. O telefone induz ao desperdício. Sem papel de carta. O papel de carta perturba a originalidade. Não consegui a casa. Os meus hóspedes ficaram nas respectivas residências. Folheio-os nas saídas. Formam uma espécie de biblioteca emprestada, de livros ao ar livre. Chego a acreditar que são melhores longe uns dos outros. Homens juntos acabam sempre mal. Os que se juntaram na Itália, os que se juntaram na Alemanha, os que se juntaram no Japão, e os que, por causa desses, se juntaram em tantas partes, —

ALVARO MOREYRA

olhem as consequências!... E' verdade que, em tais casos, não havia ingênuos e espontâneos. Havia apenas criminosos natos, ladrões à espera de ocasiões. Os limpos de alma, aglomerados, organizam o Carnaval, que é a mais pura das expressões da vida.

"O melhor é ser neutro", — dizia um amigo de um amigo meu, que era pela gramática, e perguntou:

"Nem masculino, nem feminino?"

Não escutei a resposta, porque justamente o sinal se abriu; atravessei a rua, a pensar no soneto de Coelho Neto:

"Ser mãe é desdobrar fibra por fibra
o coração..."

Pensamento puxa pensamento. Memória é cachimbo; acesa, é só chupar: fumaça que não acaba mais. Vivemos cheios de sonetos. Logo me veio um de Camões, com o verso:

"Oh quem tornar pudera a ser nascido!"

E em seguida, um de Antero de Quental, com o verso:

"Que sempre o mal pior é ter nascido."

Camões é que está com a razão. Nascer o mais que se puder! O que importa é a vida. O fascismo passará. A inquisição não passou?

Eu sou contra o equilíbrio. Achô que a gente deve cair para poder se levantar.

E' hora de levantar

Com essas chuvas um pouco doidas, não adianta ir para fora. Mau tempo por mau tempo, vamos ficando mesmo na cidade, onde há o mar o dia inteiro, antes e depois das trovoadas. Eu, por exemplo, me distraio com qualquer coisa. Até com a dieta, que além de possivelmente emagrecer, dá uma melancolia boa. Hoje, na sombra das primeiras horas, andei lendo dicionários. Lá me apareceu a palavra verdade. Cai-lhe nos braços:

— Oh verdade!

Ela me contou a vida:

"Conformo o que se diz com o que é." Quase que lhe dei:

— Não faça isso!

A boca não se abriu. A verdade continuou:

"Sou um princípio certo. Chamam-me também de boa fé de sinceridade."

Pobre querida! Prosseguiu narrando velhas histórias, coisas antigas, usos e costumes arquivados.

— Como você é bonita, verdade! Mas, embora nua, como a sua moda saiu da moda! Volte para o poço, amiga, volte para o poço! Console-se com o espelho. Com o espelho diante dos olhos, ao menos não sentirá tamanha a solidão...

Seria interessante uma coleção de palavras que percam os sentidos desde que o fascismo apareceu no mundo. As cabeças em estado de confusão. Mais interessante, talvez, do que a coleção que pretendi fazer, — de homens, exemplares únicos, de aparência comum, na calma, por diferentes na ação. Não foi Hitler quem me deu a idéia. Nunca vi Hitler fora de transe. Quem me deu a

A guerra em marcha

Os acontecimentos dos últimos dias têm se precipitado de tal maneira, que os comentadores militares se abstêm de formular hipóteses ou previsões em torno da marcha futura das operações em qualquer dos teatros da luta.

Quer na frente oriental, quer no Pacífico, as operações táticas e estratégicas dos Aliados se desenvolveram num ritmo tão vertiginoso, que a opinião pública, tomada de surpresa, não pode formar com segurança uma conclusão dos fatos consumados durante as fulminantes ofensivas.

Os exércitos soviéticos, investindo violentamente através do Vístula, apoderaram-se de Varsóvia, com uma facilidade inacreditável. Na terceira semana de ofensiva já entravam as vanguardas russas dentro do território ocidental do terceiro Reich, numa investida irresistível, que fazia prever a débâcle das tropas de Hitler.

E, avançando através da Alemanha, os vitoriosos exércitos de Zukhov atingiram o Oder à altura de Franckfurt, cujas defesas estão sendo pulverizadas pela artilharia de grosso calibre.

Enquanto isto acontecia, Koniev avançava, precedido por uma formação blindada gigantesca, pela alta Silésia, também com rumo a Berlim.

No momento em que terminávamos os trabalhos desta edição, pelo menos seis cabeças de ponte solidificadas, já haviam conseguido os russos firmar às margens ocidentais do Oder.

E as margens do leste do rio estava sendo dominada pelos soviéticos, em toda a sua extensão, numa frente aproximadamente de 460 Km.

Na frente ocidental, nada há de notável a assinalar.

Os ingleses e americanos, ao que parece, preparam-se para uma larga ofensiva, que só poderia entretanto, segundo os técnicos militares, ser lançada em junho deste ano.

A R. A. F. e as formações aéreas do Exército Americano continuam porém a lançar sobre Berlim milhares de toneladas de alto poder explosivo, em concatenação com a fulminante ofensiva dos exércitos de Stalin.

O "front" da Itália é teatro de uma luta titânica, que se caracteriza pelos movimentos lentos da infantaria, que ali desempenha o papel mais importante dos ligeiros avanços aliados.

As províncias das vertentes dos Alpes têm sido castigadas ultimamente pelas enchentes e pelos vendavais, e as estradas das montanhas se tornaram intransitáveis.

O emprego das forças motorizadas se tornou praticamente impossível e as forças inglesas, americanas, indianas e brasileiras estão avançando pausada mas seguramente, através daquele inferno de lama e água.

No Pacífico, outra fulminante ofensiva assinalou a mais tremenda e imprevista derrota japonesa jamais verificada.

Desembarcando na ilha de Manilla, ao sul da capital filipina, a 1.º de Fevereiro, as tropas americanas investiram sobre a cidade, apoiadas por formações aéreas e pela esquadra do Pacífico.

Surpreendeu todo mundo: os japoneses, cuja invencibilidade era tão alardeada, deixaram-se levar pela ofensiva relâmpago e, na tarde do dia 4, Mc Arthur se apoderava da cidade de Manilla.

Nos subúrbios da zona sul da cidade, estão sendo desalojados os japoneses que ali se entrincheiraram numa resistência suicida.

Como se vê, a semana que passou foram mais sete dias de sucessos consecutivos para os Exércitos da Libertação...

Soldados da 82.ª Divisão dos Exércitos dos Estados Unidos em ação no "front" do oeste, a caminho do campo de batalha, param e ajoelham-se ante o crucifixo plantado à beira da estrada. Um sugestivo flagrante da religiosidade que anima o espírito dos soldados de Tio Sam.





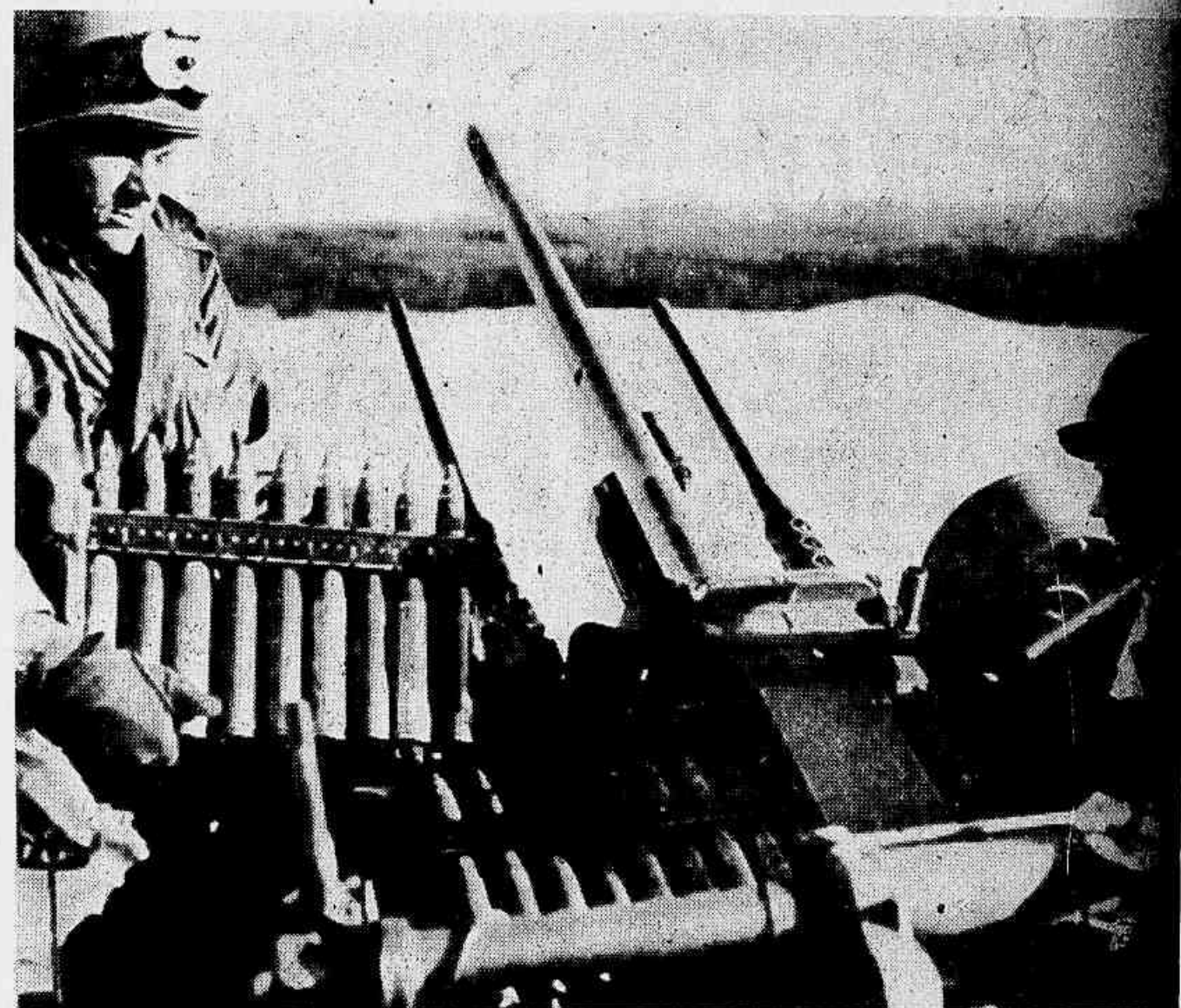
A CAMINHO DO CAMPO DE CONCENTRAÇÃO. — Prisioneiro alemão, desembarcado nos Estados Unidos, passa por uma rigorosa revista. Este rapaz parece estar satisfeito com sua captura, pensando com certeza na sorte de seus companheiros que se encontram em Berlim a estas horas.



UM NOVO GIGANTE DOS ARES. — Esta é a primeira foto do novo bombardeiro "yankee" modelo A-26, equipado com 10 metralhadoras calibre 50. Este gigante dos ares está sendo empregado em tôdas as frentes pelas forças aéreas dos Estados Unidos.



"CAMOUFLAGE". — Cobertos por mantas brancas, os soldados americanos evitam que o inimigo os veja e podem, assim, protegidos por este excelente disfarce, avançar despercebidos sobre a neve.



ARTILHARIA ANTI-AÉREA AMERICANA EM AÇÃO NA ALEMANHA. — Esta peça de três bocas é uma combinação eficiente de um canhão de 37 milímetros e de duas metralhadoras calibre 50, que despejam suas mortíferas cargas contra os aviões inimigos em perfeita sincronia.



OS FELIZARDOS. — Estes terríveis inimigos da democracia vão agora gozar, num campo de concentração dos Estados Unidos, a paz e a comodidade que Hitler banuiu da Alemanha. Esta foto foi apanhada quando os prisioneiros nazistas, recém-desembarcados, se encaminhavam ao trem que os levaria ao campo de concentração.



ARRAZANDO A ALEMANHA DE HITLER. — Este monstruoso canhão, tirado por um veículo motorizado, integra uma unidade da artilharia pesada "yankee" que está martelando incessantemente a Alemanha ocidental.
(Fotos do Serviço de Informações do Hemisfério).



JOCKEY CLUB MUNDANO

Os flagrantes que estampamos nesta página, da última reunião turfística, bem mostram o que foi aquela tarde. Muito entusiasmo e muita elegância é o que sempre se vê no belo Hipódromo da Gávea. Todos torceram e todos saíram satisfeitos com os empolgantes páreos a que assistiram.



REVISTA DA SEMANA

ANO XLVI -- 17-2-945 -- N. 7

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMERICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 63,00; Seis meses — Cr\$ 32,00
Registrada: Um ano — Cr\$ 80,00; Seis meses — Cr\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 90,00

O número avulso custa Cr\$ 1,50 em qualquer parte do país; o número atrasado Cr\$ 2,00. Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tels.: — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447
Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602
Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Tel. 4-7866
Corresp. na Bahia: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 149

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Knoppe & Cia. Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 229 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO
Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NÚMERO CONSTA DE 52 PÁGINAS

O CORPO DE COLABORADORES DA REVISTA DA SEMANA ESTÁ ORGANIZADO. SÓ PUBLICAMOS COLABORAÇÕES SOLICITADAS PELA REDAÇÃO. NÃO NOS RESPONSABILIZAMOS PELA DEVOLUÇÃO DE ORIGINAIS, MESMO QUANDO NÃO PUBLICADOS.

Sumário

LITERARIA:

A Hora (Alvaro Moreyra).....	5
Os Últimos Minutos (Ferenc Molnar).....	16/17
O Conselheiro Felipe Leal (Escagnolle Doria).....	18
Gelo Verde (Stuart Palmer).....	38
Livros Novos.....	40/41

REPORTAGENS:

A Guerra em Marcha.....	4/6
Jockey Club Mundano.....	6
De Da Vinci a Cézanne.....	9/14
Carnaval de 1945.....	19/33
A Vida Agitada do Hino Nacional (Roberto Lyra Filho).....	42/44

FEMININAS:

Nos Bastidores Femininos.....	35
Modelos Juvenis.....	36/37
Outros Modelos.....	36 e 48

SEÇÕES:

A Semana em Revista.....	8
Coisas do Brasil.....	15

CARICATURAS:

"Charge" de Raul.....	50
-----------------------	----

Os Nervos Pegando Fogo



Em muitos dias as mulheres amanhecem tristes, tão nervosas e desanimadas, tão aborrecidas, inquietas e irritadas que parece que todos os nervos estão pegando fogo!

Estes sofrimentos intoleráveis dos nervos, e outras alterações mais graves da saúde, podem ser causados por perturbações dos importantes órgãos útero-ovarianos.

Para tratar isto, use **Regulador Gesteira** sem demora.

Regulador Gesteira trata os padecimentos nervosos produzidos pelas moléstias do útero, pêso, dores e cólicas no ventre durante o período menstrual, as perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelos sofrimentos do útero, fraqueza geral e desânimo, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, pêso, calor e dores de cabeça, enjôos, dores nas cadeiras, falta de ânimo para fazer qualquer trabalho, cansaços e todas as perigosas alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

Regulador Gesteira trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes dessas inflamações.

Comece hoje mesmo
a usar **Regulador Gesteira**

A nossa Capa

Como uma sugestão às nossas leitoras apresentamos na nossa capa de hoje, um lindo modelo para fim de verão, que nos é apresentado pela gloriosa estrela da Columbia, Leslie Brooks.

Esta linda figura feminina que ilustra a nossa capa externa completa assim a série de modelos para a estação de estio que vão nesta revista, entre os quais varios motivos para vestidos juvenis.

No texto desta edição os nossos leitores encontrarão uma ampla reportagem ilustrada sobre o carnaval carioca que, se no seu aspecto de festa de rua perdeu o antigo entusiasmo e o calor que o caracterizava, esteve animadíssimo nos clubes.

A nossa reportagem fotografica focalizou em todos os salões os aspectos mais sugestivos da maior festa carioca.

Além desta reportagem e das seções comuns, publicamos ainda neste número uma entrevista com o casal de pintores Campofiorito e momentosas revelações em torno da vida agitada do Hino Nacional, ao ensejo da passagem do terceiro cinquentenario do

nascimento de Francisco Manuel da Silva.

Aparece ainda neste número, afora a parte noticiosa, a parte literaria habitual, completada por magnificos contos estrangeiros e brasileiros, crônicas e criticas.



Numeros atrasados desta Revista em Ilhéus-Bahia

Procurar na "Papeleria do Sul" --- Rua Marquês de Paranaguá 14

Um calçado da moda para o mundo elegante

Gambier

Rua Uruguaiana, 52
Fone 22-5587 — RIO

a Semana em Revista

ERAM CINCO MILHÕES DE ALMAS...



Na câmara dos Lords foi agitada a questão dos judeus perseguidos por Hitler e seu "clan" na Alemanha e em todos os territórios ocupados pela rapacidade nazista...

Ficou evidenciado então, segundo precisos dados estatísticos, que a soma total dos indivíduos atingidos pelo mais vasto plano terrorista de todos os tempos, revelava a cifra de seis milhões de pessoas, entre homens, mulheres e crianças.

Este simples algarismo seis, seguido pelos seis zeros, tem uma significação sinistra. Atrás deles se estende a história dolorosa dos exodos incommensuráveis, os rabis de barbas brancas arrastando-se pelas estradas, as louras crianças de Colônia, Hamburgo e Berlim tangidas pelos agentes da Gestapo, enquanto os seus apodreciam nos campos de concentração. A história sinistra dêsse número nos conta os romances terríficos passados no Ghetto de Varsóvia, onde os camisas negras nas noites escuras iam buscar o gado humano para o seu matadouro.

Mas nos discursos da Câmara dos Lords, ficou evidenciado mais ainda: provou-se, com elementos seguros, que dos seis milhões de judeus perseguidos cinco milhões de pessoas haviam perecido mortas pela fome, pelas doenças consequentes da prisão, pelos maus tratos recebidos, fuziladas ou decapitadas.

Agora, que a hecatombe chegou quase ao fim, é mister que se lembre disto para apresentar a Hitler, no ajuste de contas, a história destes cinco milhões de almas.

Cumpram-nos perguntar ao carrasco de Berlim, chegado o momento final, onde estão estes cinco milhões de seres humanos, homens como nós, que como nós se alimentavam, dormiam, trabalhavam, descansavam, sentiam e amavam.

E' necessário que se pergunte o que foi feito destes judeus, homens, mulheres e crianças, que a Gestapo varreu da face da terra. E' preciso que não se esqueça, no julgamento do carrasco, a morte destes cinco milhões de inocentes.

E este número, cinco milhões, não nos revela apenas uma cifra. Ele é, por si só, toda a biografia sangrenta de Adolf Hitler.

Mas a humanidade não se esquecerá nunca destes cinco mil milhares de almas.

As crianças sem pais, que choravam às portas dos casebres dos bairros judeus, não eram os filhos de Sara e de David. Eram os nossos próprios filhos, eram os nossos irmãos, que choravam pela nossa ausência.

Hoje esses cinco milhões de mortos nos pertencem, a humanidade é a sua família. E a humanidade saberá castigar os seus carrascos. Sobre as suas sepulturas rasas chorarão todos os homens — judeus, mussulmanos, católicos, budistas, protestantes, ateus....

Sim, pois este crime não foi praticado apenas contra os judeus. Foi um assassinato cometido contra mil séculos de civilização.

E hoje, onde palpitavam cinco milhões de corações humanos, restam somente cinco milhões de sepulturas, que cobrem os corpos mortos de toda uma população. Eram cinco milhões de almas.

Oh! Vós que tendes crença orai por elas...

ÇA C'EST PARIS



Voltaram todos: Gigli, o cantor de Mussolini, grande tenor e grande fargante, despiu a camisa negra, engordou mais um pouco e regressa agora, com o ventre e a voz mais volumosos, para berrar o "Vieste la giubba" para os democratas, ainda mais entusiasticamente do que o fazia para as milícias fascistas. Dêle, ainda podemos tolerar o fascismo e a barriga, pois a sua arte é incontestavelmente uma atenuante.

Mas não foi só Beniamino Gigli que fez a sua reentree triunfal dentro do mundo democrático.

Em Paris, a estas horas, os cabarets se enchem novamente, os soldados da frente ocidental, em convalescência ou gozo de licença, não podem furtar-se aos prazeres de ouvir, enquanto o Borghina brilha nos copos, a dolente cadência da voz de uma vedete amorosa.

Isto é Paris, e se assim não o fôsse, perderia a graça.

O que não tem graça nenhuma, porém, pelo menos para os soldados de De Gaulle e para os maquisards que libertaram a Cidade Luz, é a aceitação absoluta dos artistas dos antigos "moulin" que colaboram hoje para o divertimento dos democratas, mas que se prestaram a colaborar também para o divertimento dos fascistas.

Mistinguetti, mumificada pelos pós de arroz e pelos cremes, voltou a brilhar. Perdoemo-la porém, fingindo havermos passado por um período de amnésia enquanto durou a ocupação da França. O passado desta grande artista se fará de esponja para limpar a mancha da colaboração.

Agora o último: Maurice Chevalier, o cavaletto da triste figura dos clubes noturnos, o homem que ainda crê no "vaudeville", em pleno ano de 1945.

Ele, que havia sido um dos esteios da ocupação alemã de Paris, que cantara para os matorais do nazismo, que tinha os alemães como os maiores amigos da França, volta ao cartaz, mascarado de democrata, para cantar para os libertadores.

Todos sabiam-no o colaborador por excelência.

E ele não teve a dignidade de continuar. Não quis se expor ao pelotão de fuzilamento dos maquis enfurecidos, nem à navalha dos cabeleireiros vingativos: aderiu. Aderiu clinicamente, como se nada houvesse acontecido. E está hoje satisfeito, conservou sempre o seu sorriso de palhaço, através das agitações sociais e políticas.

Perdoemos aos outros. Ao idiota de chapéu de palha, não. Ele não merece nada menos que a morte.

Julgue-se pois como traidor Maurice Chevalier, ex-ator de cinema, ex-democrata, ex-colaboracionista, que volta hoje a Paris como "chansonier".

A sua morte seria um alívio, o seu fuzilamento uma justiça.

Se não o podem condenar pelo crime de ser fascista, condenemo-no pelo crime de ser cantor.

NÃO HÁ MAIS SOLTEIROS



Desde que acabou a guerra civil, a Espanha vem se vendo a braços com a falta de pessoal para trabalhar nas suas indústrias e nos seus campos. A miséria consequente da conflagração terminou por reduzir ao mínimo o restante do elemento humano que a Falange, os mouros e os "voluntários" alemães e italianos deixaram sobrar.

Em luta contra este problema tenebroso, sem braços para movimentar suas fábricas, o governo de Franco lança apelos angustiosos, no sentido de desenvolver o casamento dos solteiros e a fecundidade dos casais.

Acontece porém, como no velho adágio, que "quem casa quer casa". E os espanhóis não encontram meios de montar a sua casinha. Nestes tempos bichudos, quem é que pode chamar a si a responsabilidade de um casamento?

Os rapazes da Espanha, muito logicamente, pensam que onde "um não come, dois muito menos".

Como pois solucionar tão grave questão?

Os ministérios estudaram planos, os jornais fizeram campanhas, mas a população da gloriosa terra de Cervantes continuou inalterada. Os cartórios não registavam mais casamentos que antes, e a coisa continuava a preocupar seriamente os meios oficiais falangistas.

Surge porém agora uma idéia luminosa: um capitalista de Castela se propôs a levar avante um plano que, segundo os seus prognósticos, acabaria com o mal de uma vez por todas. E este camarada, pondo em prática a idéia genial, fundou um estabelecimento bancário, destinado unicamente a fornecer dinheiro por empréstimo, a todos aqueles que não se podiam casar antes, por falta de recursos financeiros.

De hoje em diante, não haverá pois solteiros na Espanha.

Transformado em anjo da guarda, este banqueiro velará pelos interesses de todos os namorados pobres.

Acabaram-se os romances estilo "és rica eu pobre", que tanto encantaram a adolescência de muitas gerações.

Se um "muchacho" de Sevilha, entre uma canção e um suspiro, declarar agora à sua amada que infelizmente não pode se casar com ela por falta de dinheiro, Lolita se rirá por certo e, no dia seguinte, encheda na forma da lei a proposta para empréstimo no original banco, o senhor vigário unirá, pelos laços sagrados do matrimônio, os dois corações apaixonados.

Dos Pirineus à Extremadura, do Ebro ao Tejo, por vales e montes, através dos vinhedos de Valencia e das florestas de Sierra Morena, das janelas dos lares felizes, sairá um canto, que há de erguer aos céus um coro glorificador ao diretor do "banco da felicidade".

E ninguém em toda a Espanha poderá sofrer este mal tão comum e tão humano: a infelicidade amorosa.

Pois para a conquista da felicidade, os espanhóis não precisam fundos, não necessitam empregar capital: basta ser um rapaz direito para ter crédito no Banco dos Casados.

O ALEGRE FIM DOS GATOS DO CATETE



Uma das curiosidades do Rio de Janeiro que mais atrai a atenção dos turistas é, sem dúvida, a cuica. Para todos os forasteiros, este instrumento tem um alto de misterioso e de exótico.

Se Lineu se lembrasse um dia de classificá-lo, estudadas as suas causas e as suas origens, lhe daria por certo o nome científico "felix cuica".

Sim, pois a qualquer carioca a ascendência felina da cuica não pode ser estranha...

Diz a canção do momento que "um pedaço de pau, um pedaço de couro e uma barrica", é mais que suficiente para a fabricação de um destes instrumentos roucos. Quando se fala nesse pedaço de couro subentende-se logo o gato originário. Pois ninguém pode pensar de certo, que nestes tempos das vacas magras, se procure bexiga bovina para as cuicas e os tamborins das escolas de samba. O gato é mesmo a solução mais prática, e a única que resolve a crise.

Um atestado do aproveitamento destes infelizes e preguiçosos felinos, na confecção dos instrumentos de percussão dos adeptos de Momo, é o desaparecimento quase absoluto dos gatos, nas semanas anteriores ao Carnaval.

Os bichanos espertos, mal se anuncia a festa carnavalesca, enroscam-se em baixo das camas dos donos, ou procuram abrigo seguro no Campo de Santana, onde têm instalado o seu território livre.

O que não se vê, nestes dias foliônicos, é a multidão de gatos vadios perambulando pelas ruas do Catete e do Flamengo, revirando as latas de lixo que se enfileiram às portas dos sobrados.

Estes pobres boêmios de quatro patas, só os encontraremos agora, quando passar a garotada do morro, num bloco de "sujos" repinçando feliz os seus tamborins e fazendo ranciar as suas cuicas...

E os donos dos gatos fujões que corriam de noite para as ruas, atrás da sedução das angorazinhas faceiras, saudosos de seus bichanos, julgarão ouvir os miados sentimentais do "Romão" ou do "Neve" no próprio gemido do samba.

E os gatos do Catete, dentro da orquia da Galeria Cruzeiro cantarão, pela voz de seu próprio couro, dentro da noite festiva: "E' assim que se faz uma cuica".

Estudando o caso destes felinos, nos vem à mente uma idéia: se o pessoal do morro resolveu com a utilização dos gatos a crise do couro, por que o povo da cidade e dos subúrbios não resolve pelo mesmo processo a crise da carne?

Seria uma solução fácil? Não se sabe. Mesmo porque, contrariando a velha canção, um gato, agora no reinado de Momo, deve estar caro "p'ra cachorro".

De Da Vinci a Cézanne

Quirino e Hilda Campofiorito e sua evolução artística — A arte moderna não admite limitação — Dois expassadistas defendem o modernismo — A história de três quadros — Um garoto que pinta porque quer — A pintora do trabalho — Um moderno faz pintura clássica.

Agora, como em todos os tempos, a luta das escolas artísticas, acesa em todos os setores, se caracteriza pela violência da linguagem empregada nas controvérsias apaixonadas, pelos defensores ardorosos dessas mesmas escolas, que não poupam os adversários, aproveitando qualquer pretexto para vilipendiar os inimigos, não vendo, em sua cegueira partidária, o valor de qualquer dos combatentes do campo oposto.

Acontece, porém, que os que assim procedem — estejam de um ou de outro lado, são, via de regra, pseudo-artistas, despidos de qualquer qualidade intelectual, que agem dessa maneira, aproveitando a luta tempestuosa para fazer aparecer as suas figuras apagadas de diletantes mediocres.

Esse estado de coisas, que existe desde que o homem fabricou o seu primeiro boneco ou rabiscou na areia o primeiro arabesco, longe de lançar a luz da verdade sobre o valor dos verdadeiros artistas, eleva os mediocres ao pináculo da glória, deixando os gênios na planície ingrata da incompreensão.

E hoje, mais do que nunca, os mediocres se apossaram de todas as escolas, transformaram-se em donos da arte e, enquanto eles trocam entre si palavras pejorativas e frases insultuosas, os artistas se perdem no anonimato, pois a eles, como ao público, esse vocabulário pesado de torcida futebolística só pode causar repugnância.

E' consolador pois, dentro desse panorama árido e seco, onde apenas medram os cactos espinhosos e esterilizantes das controvérsias infrutíferas e a parasita danosa do cabotinismo, encontrar-se alguém como esses dois serenos ar-



Cartão de Boas Festas de Hilda Campofiorito. O tema bíblico do desenho, realçado pela beleza expressiva das linhas modernistas...

tistas, Quirino e Hilda Campofiorito, ligados pelo amor e pela inteligência, para quem a arte não tem idade, e para quem a pintura não tem limite.

A EVOLUÇÃO ARTÍSTICA DE DOIS PINTORES

Quirino Campofiorito e sua esposa, d. Hilda Campofiorito, vivem hoje numa casinha de Niterói, junto à praia de Icaraí, sem luxo e sem ostentação, como qualquer casal burguês, dos quais apenas se diferenciam pela consagração de sua arte, que transpôs oceano e lhes deu a celebridade universal.

Os dois pintores nasceram ao alvorecer do século, quando a arte européia estava sendo revolucionada pela pintura de Cézanne, e Zola já havia feito o naturismo entrar em todos os lares.

Natural de Belém do Pará, Quirino veio ainda jovem para o Rio, onde ingressou na Escola Nacional de Belas Artes, concluindo com brilhantismo o seu curso e merecendo, graças ao seu amor à arte e ao estudo, o prêmio de viagem à Europa, como pensionista daquela Escola.

O pintor percorreu então, em viagem de estudos, todos os grandes centros artísticos do Velho Mundo, perambulando cinco anos a fio por Paris, Roma, Veneza, Munich, Bruxelas e Londres.

A esse tempo, d. Hilda Campofiorito aperfeiçoava-se em pintura, frequentando os cursos livres da Academia Julien e da Real Escola de Belas Artes de Roma.

Os dois artistas, já laureados no Brasil e no estrangeiro, com quadros expostos nas pina-

O tríptico de Quirino Campofiorito, que deu lugar a uma longa controvérsia. Os críticos e os leigos pararam diante destes quadros, como o burro da fábula em frente ao palácio. No entanto, para quem sente a verdade do desenvolvimento da espécie através do amor, nada mais claro que a significação destas pinturas.



cotecas de várias capitais européias, que haviam, todos dois, começado a sua brilhante carreira como discípulos fiéis dos velhos mestres, cujas linhas clássicas eram seguidas sempre em qualquer dos seus trabalhos, evoluíram entretanto para o modernismo, de que são hoje adeptos fervorosos.

E a arte moderna brasileira tem nesses pintores de talento, incontestavelmente, dois dos seus maiores valores atuais.

A evolução dos dois pintores entretanto, ao contrário do que acontece a quase todos os nossos artistas de renome, não fez com que eles, modernos cem por cento, alardeassem o seu desprezo pelos mestres das velhas escolas.

Quirino e Hilda Campofiorito, discípulos de Cézanne, com o mesmo entusiasmo com que falam dos quadros do grande mestre, se expressam também sobre Da Vinci ou Rafael.

E no atelier do seu bungalow de Niterói, ao lado das obras mais arrojadas de ambos, aparecem litografias da "Gioconda" e da "Madona".

Sobre a "mesa estudante", pendurada à parede, Mona Lisa sorri...

"A ARTE NÃO TEM IDADE"

A conversa que mantivemos com o casal Campofiorito principiou com uma afirmação do pintor, em resposta a uma pergunta nossa:

— A arte não tem idade! Se você me pergunta se a arte pode evoluir, respondo que ela não só pode, como é obrigada a tal. Nada no mundo — nem a técnica, nem a ciência, nem a arte, nem as crenças — pode permanecer estacionárias, pois elas são, por natureza, o reflexo do próprio pensamento humano. E se um homem de hoje não pensa como um artesão da Idade Média, como poderíamos forçá-lo a conceber as mesmas obras que ele? A arte, porém, não tem idade. Ela vive e viverá sempre no sentimento de todos os homens. E' sempre a mesma, servindo sempre aos mesmos ideais: a aproximação do bem e do belo. O que faz entretanto com que ela se apresente sob formas di-

versas, através dos séculos, é justamente a diversidade das concepções humanas. Repito: a arte não tem época. Mas ela deve ser, em virtude do fator determinismo, o retrato das aspirações humanas de seu tempo.

Nessa altura interrompemos o pintor, para saber a sua opinião sobre a pintura passadista e moderna:

— Julgo que a pintura é uma só. Está claro que a pintura de Da Vinci, de Rembrandt, de Velasquez, de Cézanne, de Picasso serviram todas aos ideais coletivos de determinadas épocas. O gênio não tem limite. A arte vive através dos milênios, mas para compreendê-la somos obrigados sempre a estudar as condições e as circunstâncias que a cercam.

Se na Renascença o elemento humano, libertado das peias do feudalismo e da escolástica, só sentia a necessidade imediata da beleza das formas, hoje o homem é levado, por um tropismo natural, para as formas subjetivas que explanam as idéias claras dos modernos.

Isto não pode impedir, entretanto, que os velhos mestres das escolas desaparecidas vivam pelos séculos vindouros na afirmação de sua genialidade.

ACADÊMICOS E MODERNISTAS

Estas últimas frases nos levam a outra pergunta:

— E a luta entre os acadêmicos e os modernistas? Se a genialidade pode aparecer através de qualquer pintura, qual o valor das controvérsias?

— As controvérsias, quando desenvolvidas dentro de um espírito cavalheiresco, como convém a artistas, têm a finalidade de difundir as idéias que determinam as formas e os coloridos dos pintores de tendências opostas.

Quando, porém, as manifestações dos artistas abandonam os argumentos, e as frases agressivas e insultuosas se trocam, as discussões só podem redundar em prejuízo para ambas as partes, e a arte desaparece por completo.

O que se verifica, então, não é uma divergência artística, mas uma contenda entre dois adversários que lutam para aparecer ao público como a verdadeira personificação da arte.

Este choque é uma consequência natural do antagonismo das duas tendências. Logicamente estou com os modernos, mas reconheço os valores adversários. Os que não reconhecem tais valores, estejam em um campo ou noutro, cegaram-se pela força das próprias paixões. Os acadêmicos são anacrônicos, mas isto não nos dá direito a combatê-los sem nos apoiarmos na força dos argumentos.

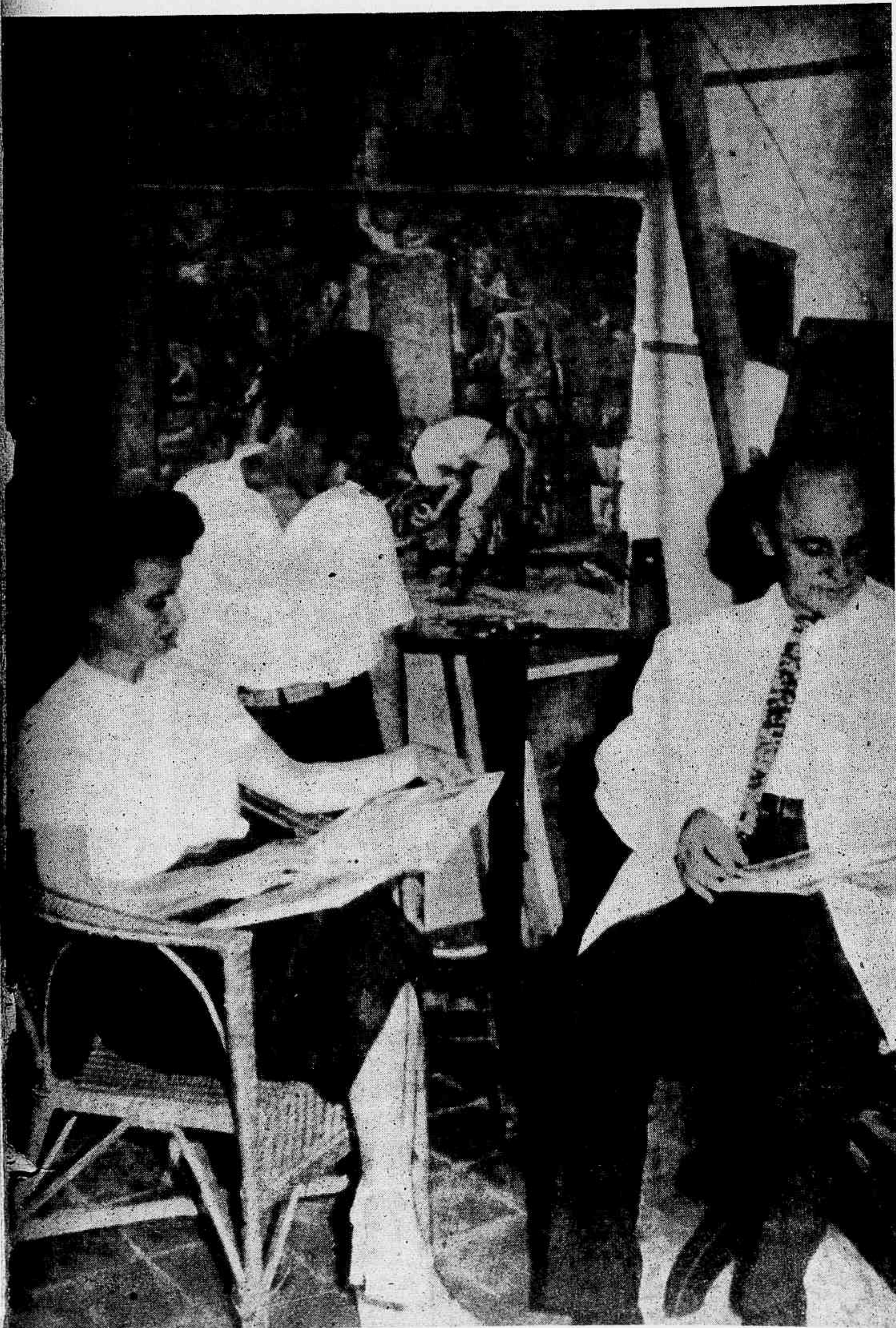
Julgo mesmo que um gênio que se entregasse à pintura acadêmica, não lograria passar à posteridade, por isto que a mesma não poderia ser estudada pelas gerações vindouras como um reflexo do pensamento humano de nossos dias.

A ARTE MODERNA SATISFAZ O ESPÍRITO DE UMA ÉPOCA

O pintor continua a expor suas idéias em torno da arte moderna:

— E' uma arte que, como já disse, expressa todos os sentimentos humanos e retrata todas as emoções de uma época. Dentro das normas estreitas do academicismo, não me seria possível dizer, na linguagem figurada das tintas e dos traços, tudo o que sinto, nem qualquer coisa que sintam os outros.

Eis por que sou um pintor modernista. Tudo o que sinto tenho necessidade de passar para a tela, assim como os desejos e os anseios de todos os homens.



A família Campofiorito em seu atelier. Enquanto o pintor lê, sua esposa mostra ao filho as reproduções dos velhos mestres, estampadas em um livro. Ao fundo uma tela montada no cavalete do artista.



Campofiorito mostra ao reporter os detalhes de uma de suas telas mais arrojadas, integrante do tríptico "O Homem, a Mulher e a Criança" que, quando exposto no Salão Fluminense, provocou grande celeuma nos meios artísticos.

E isto não me seria possível realizar, se eu fôsse um acadêmico.

Enquanto conversávamos com o artista, íamos percorrendo com vista as paredes e as prateleiras de seu atelier, onde se amontoavam telas suas e de d. Hilda Campofiorito, datadas de várias épocas, algumas mesmo do tempo em que eles ainda não eram pintores modernos. Junto aos nus e às naturezas mortas de sua primeira fase, apareciam quadros e estudos de linhas arrojadas, mostrando o colorido característico do nosso entrevistado.

Quirino Campofiorito, como Cézanne, dá às cores uma importância capital e é, através da combinação magnífica dos óleos, que os seus quadros falam mais de perto à nossa sensibilidade.

Ali estavam, diante de nós, várias telas de um colorido sugestivo e raro, que nos conduziam sempre, aonde queria o pintor, levando-nos à interpretação do significado subjetivo dessa arte impressionista e sublime, a que ele serve.

Lembrando-nos de suas últimas palavras, reconhecemos a verdade de sua afirmação: a arte moderna satisfaz, totalmente, os anseios do espírito de nossa época.

O HOMEM, O MAR, A MULHER E A CRIANÇA

Parámos diante de três quadros, postos em fila sobre os cavaletes, um tríptico simbólico, representando a função e a evolução da humanidade, através da família.

No primeiro destes quadros a figura predominante é o homem, representado pela cabeça, que aparece em primeiro plano, plantada sobre o areal da praia. Ao fundo, na nudez pura das coisas naturais, aparecem a mulher e a criança. A mãe aponta ao menino o céu, como a lhe indicar o caminho das alturas.

A segunda tela representa a cabeça da mu-

lher, enquanto o homem, ao fundo, prepara a criança para a luta, correndo pela praia com ela. Passemos agora ao último quadro do tríptico: "A Criança". Nesse o menino aparece também representado apenas pela cabeça, como as figuras humanas principais dos outros trabalhos dessa série. Aparece entretanto também a mão da criança, que acaricia um sapo, na doce ingenuidade da infância, que não lhe permite distinguir o bem do mal, nem lhe dá o senso das coisas amoráveis ou repulsivas. Em outro plano, o homem e a mulher se abraçam amorosamente.

Para nós, esses quadros se apresentaram com a sua significação transparente e nítida, e se nos afigurou um estudo perfeito da fecundidade do amor e da procriação da espécie, através do estudo do clan mais simples e primitivo: a família, representada por este triângulo equilátero: o homem, a mulher e a criança.

Essas três telas porém, quando expostas pelo seu autor no "Salão Fluminense", causaram as mais surpreendentes críticas e os mais severos comentários.

Os que se diziam entendidos em pintura pararam diante dos quadros como o burro da fábula em frente ao palácio. Boquiabertos perante o simbolismo da pintura, não puderam compreendê-la, ou não o quiseram.

E Quirino Campofiorito foi sendo castigado pela crítica adversária, que investiu, com quatro pedras na mão, contra as suas telas, atribuindo-lhe falta de idéia e exagero de forma.

O pintor saiu porém a campo com a sua defesa e, numa explanação clara e precisa, defendeu a sua idéia e explicou com nitidez a verdadeira significação do tríptico.

E esses quadros originais, verdadeiras obras primas da arte moderna, ele os guarda hoje em seu atelier, modestamente misturados com litografias envidraçadas e telas virgens.

E ali eles ficarão por certo, até que alguma pinacoteca pública os reclame, para lhes dar, entre os quadros escolhidos dos pintores de épocas diversas, o lugar que eles realmente merecem, como características expressões da arte moderna no Brasil.

Quirino Campofiorito dedica-se também à xilografia. Esta é uma de suas gravuras em madeira, reproduzindo um retrato de sua esposa.





QUIRINO "Estatueta", tela oferecida pelo pintor à R. A. F., que figura na Exposição de Pintores Brasileiros em Londres. Sem exageros de formas ou de colorido, Quirino é um pintor moderno cem por cento.

HILDA CAMPOFIORITO, A PINTORA DO TRABALHO

Quirino Campofiorito acabara de nos contar a história da celeuma provocada pelo seu tríptico, quando a sua esposa veio lembrar-lhe o adiantado da hora.

O pintor desculpou-se e foi se vestir, pois devia estar no Rio dentro de pouco tempo, para entrevistar, como redator artístico do "Diário da Noite", um de seus colegas.

E ele, esquecida já a sua posição de artista, foi se preparar para enfrentar o trabalho diário da redação.

E enquanto ele se preparava, conversámos com d. Hilda sobre a sua arte.

Ela, como o seu marido, é uma artista moderna. Como ele, no início de sua carreira dedicou-se à pintura passadista.

E tanto os temas de seus quadros quanto o seu colorido, obedeciam todos às normas da velha escola.

Viajando entretanto pela Europa, em companhia de seu esposo e trabalhando sempre com ele, a pintura não poderia por certo deixar de acompanhar a sua evolução.

Assim foi Hilda Campofiorito aproximando-se cada vez mais dos modernistas e cada dia mais se distanciando dos acadêmicos.

E agora ela nos fala de suas predileções artísticas e de seus quadros:

— Hoje, diz-nos, escolho sempre os temas das minhas pinturas entre os motivos artísticos que nos apresentam os operários, na epopéia grandiosa pela luta do pão de cada dia.

Pinto também naturezas mortas, mas se o faço é para descansar um pouco o espírito, e voltar a retratar depois outros aspectos da vida dos trabalhadores.

A artista defende as suas preferências, apresentando argumentos pesados:

— Se a arte moderna é um reflexo nítido dos anseios atuais das coletividades, nada mais genuinamente moderno poderia haver, que passar para a tela os aspectos da vida do pobre, os seus esforços de todo o dia pela conquista do alimento, o seu desejo de felicidade, a sua luta contra a adversidade.

Os artistas de ontem se limitavam a reproduzir na tela o que o seu olhar lhes permitia ver dentro do horizonte restrito.

Assim, se pintavam um rebanho e seu pastor, o quadro mostrava apenas o zagal apascentando as ovelhas, dentro do colorido frio da paisagem.

Um artista moderno deve fazer mais. Se ele toma esse motivo como tema de seu quadro, não pode se limitar a reproduzir o pastor e os animais, as árvores e o horizonte. Por trás das figuras deve transparecer claramente a luta do homem contra os elementos, o trabalho ingrato sob a tempestade, a vitória da volta do rebanho ao aprisco, ao fim de cada tarde.

— E por que se filiou à escola moderna? — perguntámos a d. Hilda, cortando o assunto.

— Justamente pelos motivos que acabei de expor.

Se a pintura pudesse ser limitada a simples reprodução de paisagens ou de momentos, ela seria apenas uma arte correlata à fotografia.

Mas para nós, os modernos, ela tem um sentido mais amplo e uma finalidade mais elevada.

Se nos consideramos pintores modernistas de verdade, por trás das figuras de nossas telas temos que fazer aparecer uma infinidade de conclusões, que nos levam o pensamento à vida dessas mesmas figuras, libertadas do retângulo estreito da moldura.

Assim, um pescador pintado por um modernista, deve ser um pescador de verdade, um homem que se arroja todos os dias à adversidade das ondas, dentro de um barquinho frágil, e não



HILDA "O operário". A pintora Hilda Campofiorito escolhe em geral os seus temas entre a gente pobre. Este quadro é bem a epopéia da luta ingrata pelo pão magro de cada dia.

pode ser, como acontece nas velhas pinturas, o retrato de uma figura humana, igual, na sua estrutura e no seu colorido, a tôdas as figuras humanas das outras pinturas do mesmo autor.

Eis por que procuro, quando pinto, retratar os homens através do colorido e de formas que nos dêem a impressão mais clara possível de suas lutas e de seus anseios. Se pinto um lenhador, pinto um lenhador e não um boneco de óleo inexpressivo e frio, empunhando um machado sem vida. Num quadro modernista, nada pode deixar de viver. Os homens vivem, a natureza vive, os próprios objetos inanimados devem ganhar vida.

Veja as telas de Quirino — continua a pintora mostrando-nos alguns trabalhos de seu marido:

— Aqui cada ser tem uma vida separada, cada objeto tem uma biografia.

— Mas a senhora acha que para conseguir esses efeitos são necessárias as formas e os coloridos exagerados?

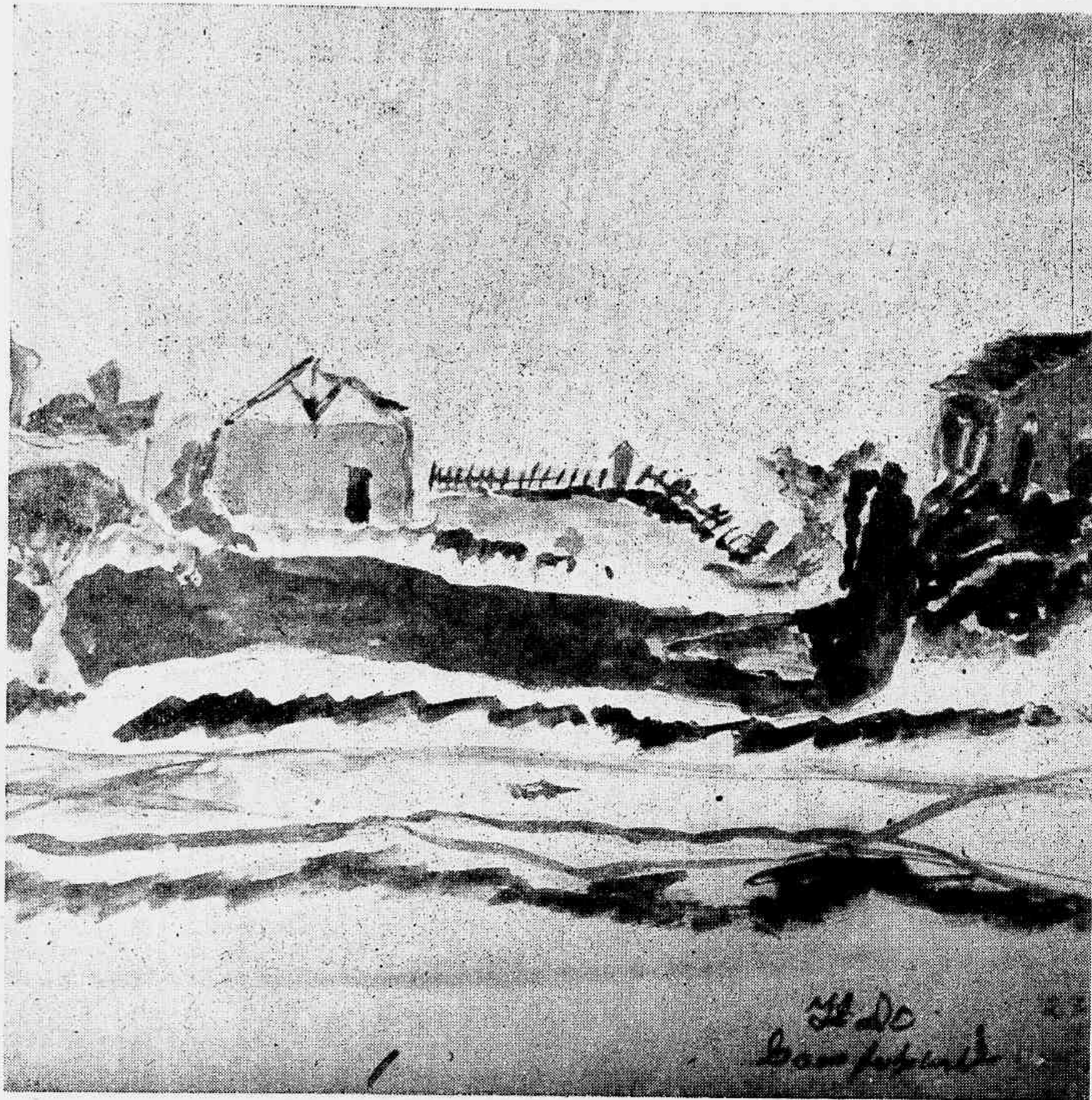
— Não chamaria ao colorido nem às formas dos grandes modernistas de "exagerados". Empregaria antes o adjetivo "livres".

E se tirássemos aos artistas essa liberdade de interpretação, recairíamos então num academicismo estéril, limitando-nos à reprodução exata de momentos e paisagens.

A outros, isso pode satisfazer. A mim, não! — Mas parece-nos que alguns modernistas exageram de fato as suas linhas e as suas cores e abusam um pouco dessa liberdade.

— A mim também me parece. Esses, porém, nada mais têm em mira que provocar escândalos e fazer-se lembrados. São pintores sem valor, como os há em qualquer escola, e como os houve em todo momento. Dêles se aproveitaram os inimigos da arte moderna para formar, com essas exceções, uma falsa regra.

Chegando a este ponto a conversa, entra



ITALO

Aquarela do pequeno Campofiorito: uma paisagem de Niterói. O colorido é algo anárquico e as coisas e os seres são verdes como os seus anos. Mas, observados os detalhes, vemos que ele promete.

novamente no atelier Quirino Campofiorito, seguido por seu filho Italo.

UM PEDAÇO DE MAR E O OCEANO

Inteirado do assunto da conversa, o pintor vem reforçar os argumentos de sua esposa:

— A arte moderna — diz ele a certa altura — caracteriza-se justamente pela liberdade dada aos artistas, para a representação de suas idéias. Mas note que eu falo de liberdade, e não de exagero. Este só pode ser um fator de depreciação. Mas a liberdade das formas e dos coloridos podem nos levar às concepções mais amplas e aos sentidos mais altos da pintura.

E' claro que a muitos, acostumados que se encontram ao academicismo, a nossa arte pode parecer incompreensível ou errada. A quem procure porém encontrar as idéias representadas pelas figuras de cada quadro, elas se lhe apresentam sempre claras.

Tome como exemplo a série "O Homem, a Mulher e a Criança", de que já lhe falei. Nessas três quadros tentei reproduzir a vida através das figuras componentes da família que, para mim, é a base da sociedade.

Se o meu objetivo era retratar toda a sociedade nessas três telas, claro que não poderia me prender às normas da pintura de linhas severas, objetiva e estreita.

Se eu pintasse o menino, por exemplo, tomando como modelo o meu filho brincando no jardim e como fundo as árvores e os canteiros, eu teria feito apenas o retrato do garoto e nada mais.

Mas a cabeça da criança, aparecendo sobre o fundo azul do céu e das águas, mostra a infância, e não apenas uma criança.

Assim entretanto não pensaram todos. E muitos me chamaram louco, porque pinteí cabeças sem corpos, quando o que quis fazer foi

justamente a representação do elemento humano pelo que ele tem de mais elevado e que é justamente a cabeça.

Mas os meus quadros foram mais severamente criticados por causa do fundo, onde aparecia o oceano seguindo a linha da curvatura da terra.

Os inimigos da arte moderna tomaram o retrato do oceano como um pedaço do mar e me acusaram de haver deturpado a própria natureza, pintando um mar redondo.

E o pintor termina com esta afirmação:

— Assim é tratada a arte moderna. Criticada por quem não a compreende, atacada por quem não quer abandonar os velhos ditames do academicismo.

Quanto a mim, não a tratei dessa maneira. Procurei estudá-la e entendê-la e terminei por me entregar a ela.

UM MODERNISTA FAZ PINTURA CLÁSSICA

Campofiorito calou-se. Aproveitámos o intervalo do diálogo para observarmos mais uma vez as telas que se enfileiravam nas paredes.

Duas delas nos chamaram a atenção: uma homenagem a Cézanne e uma homenagem à Grécia.

Na primeira aparece uma mesa, onde estão espalhadas em desordem uma moringa, pedaços de melancias, e páginas de jornais onde aparecem notícias sobre o grande mestre francês, ilustradas por fotografias do arrojado pintor.

O outro quadro, porém, foi o que mais nos impressionou. A "Homenagem à Grécia" é uma pintura modernista, um amontoado de esculturas mutiladas e colunas em ruínas.

O pequeno Italo já pinta. Mas prefere fabricar aviões. Aqui está o Shikorski-mirim dando forma a um "Hurricane".



O fundo da pintura representa o caminho para a Acrópole, ladeado de cipreste e, destacando-se sobre o colorido claro do céu, a silhueta do Parthenon.

Completam este magnífico trabalho o detalhe de uma estátua equestre e uma cabeça de cavalo de batalha.

O interessante é notar-se que, sendo Campofiorito um pintor modernista na mais larga acepção da palavra, se se mostrou um seguidor dessa escola no conjunto da pintura, revelou-se por outro lado um clássico no desenho e no colorido dos detalhes.

As linhas clássicas das estátuas, reproduzidas com uma fidelidade notável, não impediram que as figuras ganhassem vida e dominassem a paisagem com a sua presença eterna, num contraste elegante e forte.

Mas esses detalhes de linhas serenas em nada prejudicam a idéia do trabalho, e a homenagem da arte moderna ao classicismo, representa, com extrema clareza, a aproximação das duas épocas.

OS QUADROS E A FROTA AÉREA DE ITALO CAMPOFIORITO

Em dado momento perguntámos ao pintor se o seu filho já pintava. Sem qualquer orgulho, ele nos responde:

— Pintar não sei se pinta. Mas costuma manchar o papel com umas aquarelas malucas.

E, dizendo isto, o artista tira de uma gaveta algumas folhas de papel de desenho onde estão estampados os primeiros trabalhos pictóricos de seu garoto.

Italo, a um canto, observa os movimentos do pai, um tanto ou quanto constrangido.

Enquanto nos mostra as aquarelas do filho, Campofiorito nos conta as predileções do mesmo:

— Italo gosta de pintar, mas prefere fabricar aviões. Enche a casa de aeromodelos, e é raro encontrá-lo sem que esteja entregue à fabricação de uma nova aeronave.

Pinta quando lhe dá na cabeça, mas não penso eu, nem pensa minha esposa, que ele tenha obrigação de ser pintor.

Aí estavam algumas palavras sensatas. Muitos artistas conhecemos que, uma vez consagrado o seu valor, só pensam em transmitir a glória aos filhos, na intenção de que ela nunca abandone a família.

E se os garotos não nasceram artistas, eles teimam sempre em encaixar nas suas pobres cabecinhas infantis as lições dos velhos mestres.

Essa calamidade a cada passo se nos apresenta sob diversas formas, não nos sendo difícil encontrar, sobre o teclado dos pianos inocentes, sobre os alfarrábios polpudos, ou diante dos cavaletes tirânicos esses pobres garotos que, ao invés de jogar "pelada" na rua ou quebrar a vidraça dos vizinhos, são obrigados a se entregar, dia e noite, ao trabalho da perpetuação da glória familiar.

Tal não acontece a Italo. Se os seus pais são artistas, não lhe lançam a culpa disso. Nunca obrigaram-no a queimar as pestanas sobre os albuns dos divinos pintores. Talvez ele saiba mais acerca de Oberdan, o invicto, e de Heleno, o artilheiro, que de Picasso ou de Van Gogh.

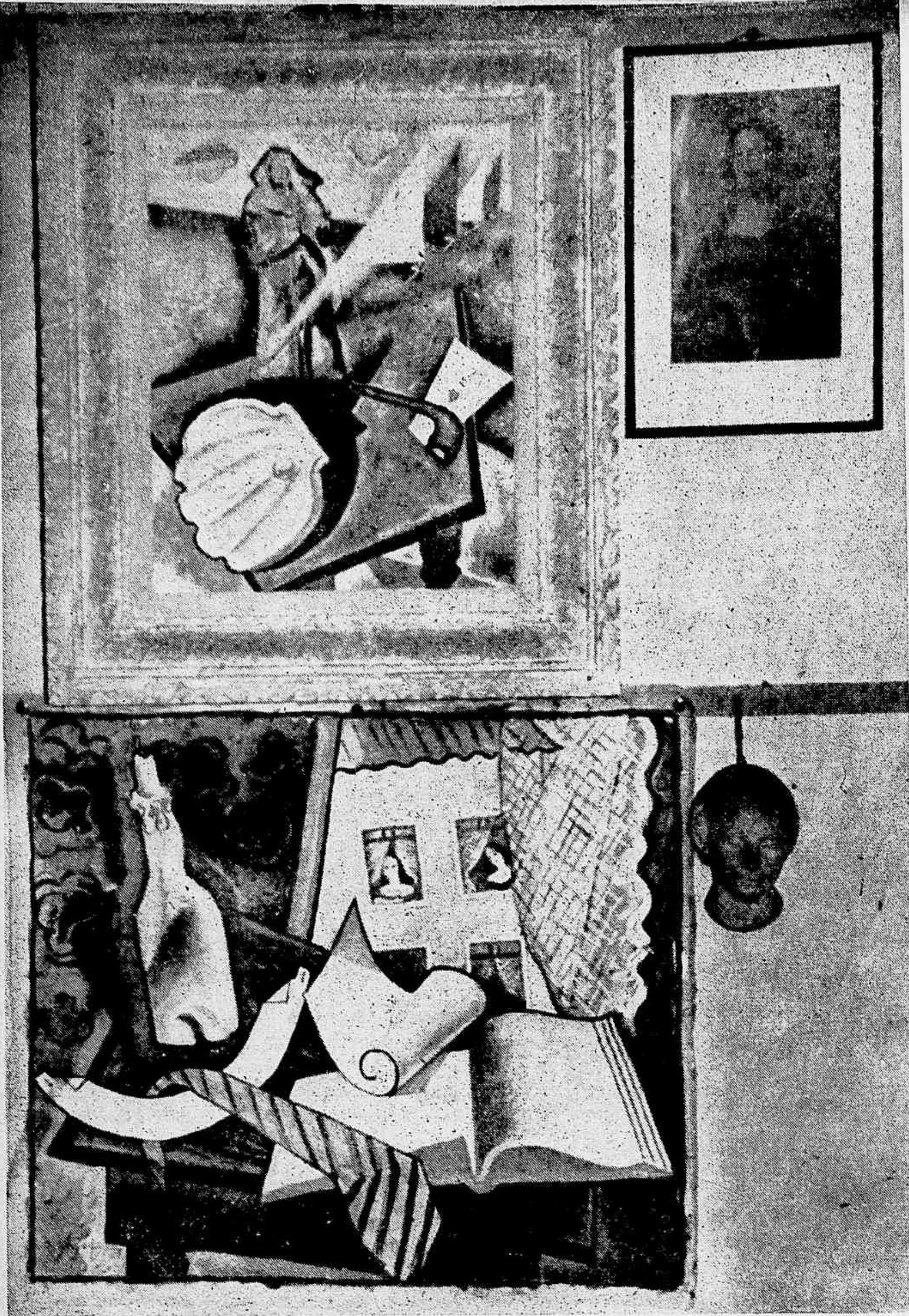
Mas isto não faz com que o garoto se afaste da arte paterna. Acharmos que, pelo contrário, essa liberdade de querer ou não querer pintar é justamente o que o torna mais "fan" de seus maiores.

E quando os seus doze anos lhe dão uma folga, o pequeno senta-se à prancheta e rabisca um esboço no papel. Cobre depois aquilo à vontade, com as aquarelas mais próximas.

Ainda não tem escola, pois a sua vocação não está definida.

As considerações em torno do jovem Campofiorito, que fazíamos mentalmente, foram cor-

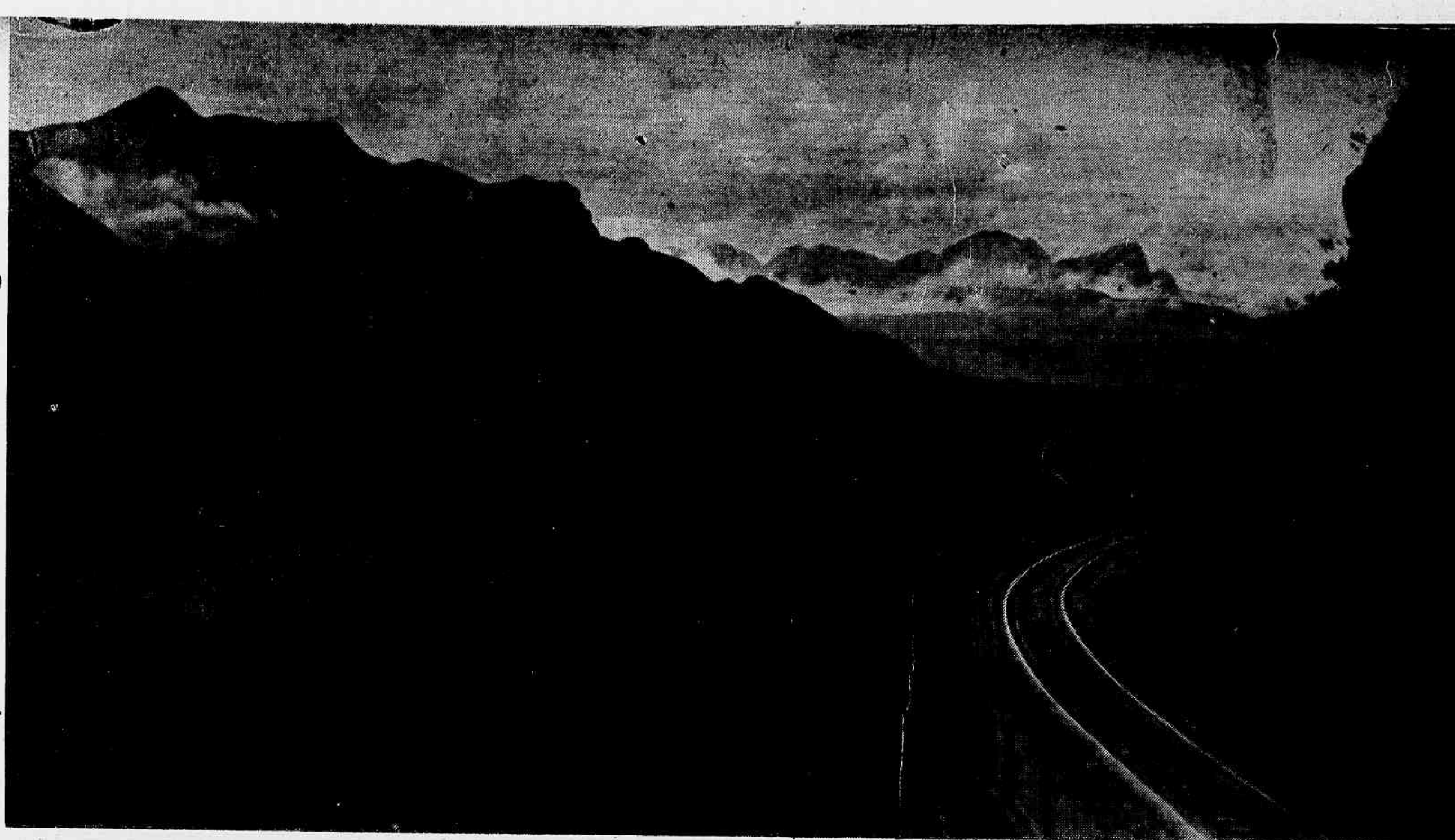
Continua na pag. 34



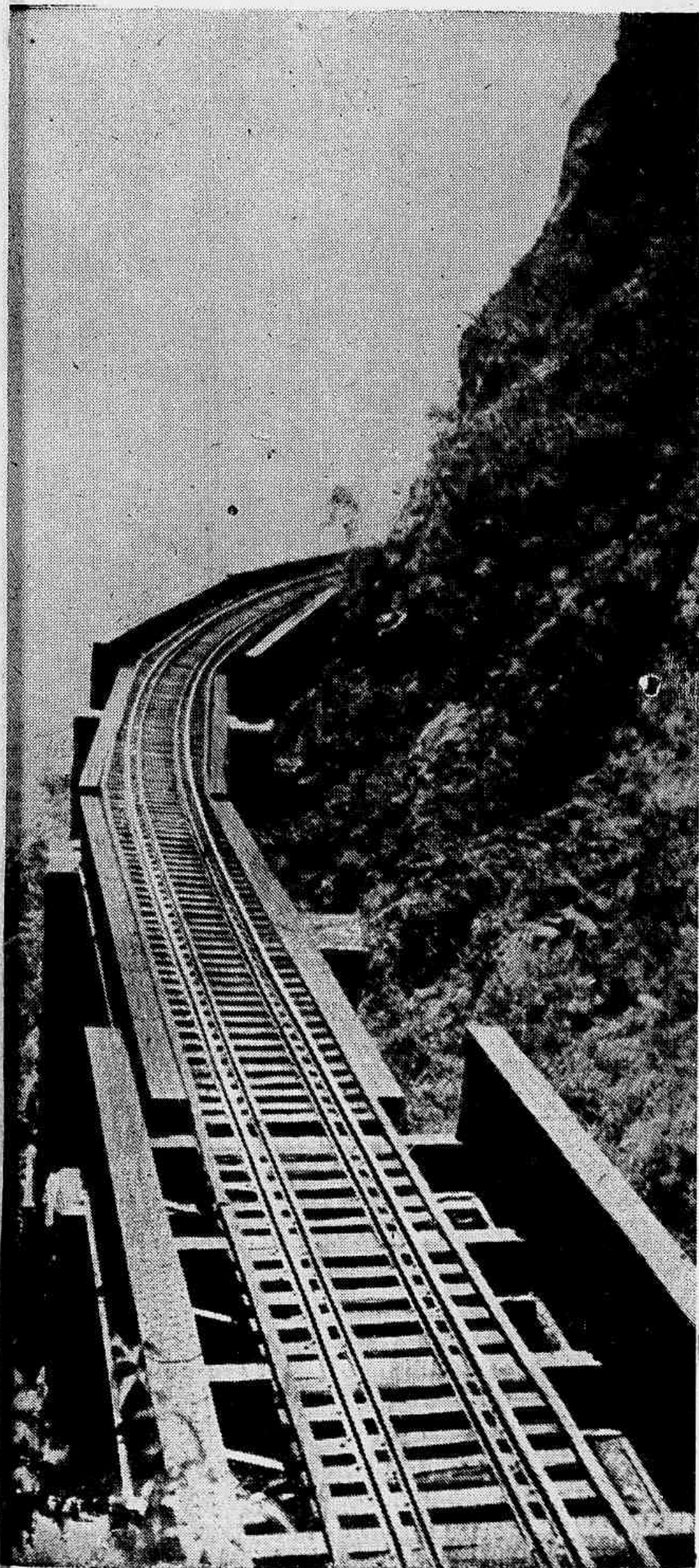
Uma das qualidades mais simpáticas do casal Campofiorito é a sua sincera admiração pelos velhos mestres. Els aqui algo que provocaria o ódio de muitos modernos e acadêmicos: Mona Lisa, sorrindo, sobre a desorganização da "mesa de estudante".

O casal Campofiorito, quando ainda não abraçara o modernismo. No fundo de seu atelier, em Roma, os pintores pousam para o fotógrafo. A paisagem tomada de uma varanda, os nus, o retrato de velha, todas as telas enfim, comparadas com as novas pinturas de ambos, revelam os contrastes de sua evolução artística.





15



Coisas DO Brasil

A serenidade da paisagem serrana encanta a vista e enleva o coração do viajante que atravessa o Estado do Paraná, onde a flora brasileira se mostra em pleno encanto de sua selvagem beleza, em toda a plenitude de sua graça exuberante.

E, através selvas e vales, o viajor se perde na melancolia sombria destas matas intermináveis, onde se espalham, atpetando os vales sonoros onde cantam as cachoeiras enormes e fecundas, o verde de todos os matizes, e as flôres de tôdas as formas.

E onde a mata acaba, onde os pinheiros não tentam subir, a serra rochosa, áspera e intransponível é de uma beleza solene e poderosa que encanta e amedronta.

Mas em toda a extensão da paisagem magnífica canta e vibra este encantamento brasileiro e rústico, que caracteriza a grandiosidade da solidão das paragens sulinas...

E a alma se oprime, o coração se constrange diante dos abismos imensos, que nos embra, como "memento" eterno, a nossa pequenez diante da Natureza.

Mas ali está, firme e gigantesco, um atestado do gênio humano dominando a adversidade das rochas e a intransponibilidade dos abismos.

Sobre as matas serradas, onde as árvores seculares se estendem até o horizonte longínquo, serpeiam os trilhos da Estrada de Ferro Curitiba-Paranaguá, símbolo grandioso do engenho humano, monumento glorioso da nossa engenharia.

E, através das montanhas ásperas, os comboios correm, levando o progresso aos mais remotos rincões, da adorável terra paranaense.



OS ÚLTIMOS MINUTOS

(AMBIENTE — NO VELHO APARTAMENTO. ÉPOCA: PRINCÍPIO DE MÊS).

O MARIDO. — Como é isso? Dois homens apenas para descer esse armário?

O CARREGADOR. — E chega muito bem, patrão.

O MARIDO. — Quatro homens não seriam bastantes. Vocês vão deixá-lo cair.

A ESPOSA. — Está cheio de roupa.

O CARREGADOR. — Deixe por nossa conta... Pega daí!

A ESPOSA. — Pelo amor de Deus, cuidado com o lucivelo!

O CARREGADOR. — Não se incomode, minha senhora.

O MARIDO. — Deixa por conta deles, querida, que têm grande prática destas coisas. A diferença entre nós e eles consiste precisamente em que para eles a mudança é uma coisa diária enquanto para nós é algo de habitual. Quem sabe? Talvez seja a milésima mudança que fazem.

A ESPOSA. — Julieta, fica perto do caminhão para que não roubem nada.

(Os carregadores suportam silenciosamente aquela suspeita).

JULIETA. — Já vou, minha senhora. (Sai, e rouba a camisa de

cambraia que há seis meses andava namorando).

O CARREGADOR. — Vamos, pega!... Mete lá, Joaquim!

O OUTRO CARREGADOR. — U... up! (Levantam o armário).

A ESPOSA. — Que rapazes fortes!

O MARIDO. — Não é tão difícil como pensas. Se eu me pusesse. Eh, eh, olhem o lucivelo!

O CARREGADOR (enquanto o lucivelo estruge e cai em mil pedaços) — Deixe por nossa conta. Sabemos o que estamos fazendo...

A ESPOSA. — Eu já estava adinhando.



O MARIDO. — Vocês não podem ter mais cuidado?

A ESPOSA. — Esta empresa de mudanças não manda senão indolentes. (Entra Julieta e começa a varrer os cacos do lucivelo).

A ESPOSA. — Julieta, que estás fazendo aí? Não te disse para ficar perto do caminhão tomando sentido? Será que tenho eu de fazer tudo? Vão roubar-me toda a minha roupa!

JULIETA. — Sim, minha senhora. (Sai e roula a combinação).

O MARIDO. — Que pena deixar este apartamento! (Triste, entra num quarto vazio).

A ESPOSA. — Vamos, não continues falando. Agora é que pensas nisso? Além disso, o novo apartamento é mais barato, está melhor localizado, não é tão alto como este, e o menino terá um quarto separado.

O MARIDO. — Mais barato? Custa mais oitenta florins.

A ESPOSA. — Mas é maior, portanto, relativamente é mais barato. Embora não me interesse. Para que rescindiste o contrato? Eu gostava de morar aqui, subia satisfeita os três andares, com prazer me via privada do quarto de banho e até folgava muito em ter a cozinha escura. Quantas baratas!

O MARIDO. — Fica descansada; as baratas irão conosco. Essas não precisam de automóvel; irão no caixote do carvão, no cesto da lenha e no armário de cozinha. E se fôsem só as baratas...

A ESPOSA. — Isso já é pessimismo.

O MARIDO. — É a pura verdade. Será preciso abandonar aqui esse quadro. Sempre desconfiei dele. Geralmente, tenho observado que preferem os quadros históricos.

A ESPOSA. — Também já notei isso. Faremos de conta que o esquecemos.

JULIETA. — (entra, com cara inocente). — Patroa, não encontro em lugar algum a combinação.

A ESPOSA. — Eu já sabia. Vai depressa lá para baixo, pois vão roubar tudo o que resta.

JULIETA. — Sim, minha senhora. (Sai e rouba o véu de noiva).

(Breve silêncio).

O MARIDO. — Que pena deixar esta casa!

A ESPOSA. — Fôste tu quem se despediu.

O MARIDO. — Fôste tu quem quiseste um apartamento maior.

(Voltam os carregadores).

UM CARREGADOR (tem na mão duas lâmpadas partes dum objeto rococó). — Onde é este pedaço?

O OUTRO CARREGADOR. — É o pé dalguma coisa.

O MARIDO. — Quebraram o espelho.

A ESPOSA. — Estragam tudo! Quebram tudo!

O CARREGADOR. — Perdão, minha senhora, não está quebrado! Isto precisou de ser desarmado.

Por Ferenc Molnar • Ilustração de José Antonio

(Olha o pedaço de madeira e vê que sua declaração não pode ser mantida). Ademais, já estava quebrado.

O OUTRO CARREGADOR. — Estava colado com sabão.

O MARIDO. — Talvez tenham sido as empregadas que o quebraram... Desçam agora este sofá.

UM CARREGADOR. — Pega daí.

O OUTRO CARREGADOR. — U... up!

A ESPOSA. — Há pelo menos um ano que não varriam debaixo desse móvel. Hei de mandar essa Julieta embora!

O MARIDO. — Olhem o lucivelol!

O CARREGADOR. — Deixe por nossa conta. (Quebram o vidro duma janela).

O MARIDO. — Mas... será possível? Não enxergam!

O CARREGADOR. — Para que estava essa janela fechada?

A ESPOSA. — Deus do céu, quebraram tudo! Que gente mais burra, nos mandou essa tal empresa de transportes! Quebrem tudo, senhores, vamos! Meu marido é rico! Ai, que raiva me dá! Para que saímos daqui?

O MARIDO. — Mas, querida... (Ao carregador) Animal!

A ESPOSA. — Bem sei que és muito ruim, e que não queres senão o meu bem-estar... (Beija-o). Não te aborreças, meu filho; é que estou muito nervosa. Põe no teu bôso este bonequinho chinês.

O MARIDO. — Não é possível; já tenho todos os bolsos cheios. Neste tenho o suporte de cristal do piano, o pedaço quebrado do espelho, e neste aqui meti a moldura...

A ESPOSA. — Que moldura?

O MARIDO. — A que descolou do armário.

A ESPOSA. — Mas... até isso quebraram? Ai, Deus meu, está tudo em pedaços! Até minha vida se desfez quando me torne tua mulher... (Desata a chorar).

O MARIDO. — Não chores, meu bem, não chores... Não foram eles que quebraram, fui eu...

A ESPOSA. — Dizes isso para me consolar. E's tão bom... (Beija-o).

O CARREGADOR (apanha de qualquer maneira o vaso com flores artificiais). — José, coloca isso entre os dois armários para não se esfarraparem.

O MARIDO. — Por que não botam vocês lá as suas cabeças? Quem já ouviu coisa semelhante: pôr um vaso de Macquart no meio de dois armários para não se estropiar?

O CARREGADOR. — Deixe por nossa conta. (Cheira o ramo artificial).

O GAROTO. — (entra correndo). — Mamãe, mamãe! O "sol maior" quebrou-se

A ESPOSA. — Que foi que se quebrou?

O GAROTO. — O "sol maior" do piano. Chi, a professora vai ficar por conta!

JULIETA (aparecendo). — Patrão não encontro em lugar algum seu espartilho

A ESPOSA. — Provavelmente roubaram-no.

JULIETA. — Entretanto, eu tomei bem conta...

A ESPOSA. — Você é uma boa menina, Julieta, boa e fiel. Dou-lhe como presente a camisa de cambraia.

JULIETA (com aspereza). — Muito agradecida, patroa.

A ESPOSA. — Será que não lhe agrada?

JULIETA. — Muito, sim, senhora. (Sai puxando pelo bestunto sobre o que há de roubar em vez da camisa).

A ESPOSA. — São todos tão bonzinhos! Até Zéquinha é um menino, que toma conta na rua.

Não é para se ficar entusiasmada? Quero dar-lhe um beijo. Vem cá, Zéquinha.

O GAROTO. — Mamãe, juro que não fui eu quem quebrou o jarrão da China; já estava quebrado!

O MARIDO (á parte). — Também? (em voz alta). Pst! Cala essa bôca; ninguém te está perguntando coisa alguma. Por que aborreces tua mãe? Não vês como está nervosa?

A ESPOSA. — Vem, meu filho, toma um beijo.

O MARIDO (dá-lhe rapidamente algumas bofetadas). — Vai, vai brincar. Aqui estás embaralhando.

O CARREGADOR. — Este espelho pertence á penteadeira.

A ESPOSA. — Parece que sim...

O MARIDO (aproveita a ocasião para dar no garoto mais uma dúzia de safunões). — Toma, pelo jarrão! Vai brincar, meu filho. Mais tarde vais receber a recompensa por dizeres que "já estava quebrado".

(Chega a cozinheira bufando).

A ESPOSA. — Que tal?

A COZINHEIRA. — E', venho de lá. A cozinha parece um buraco, não há forno no fogão e a porta não fecha. Tenho uma semana de trabalho, no mínimo, para limpar aquela sujeira, pois os antigos inquilinos eram gente muito porca, e está tudo cheio de baratas.

(Continua na pág. 49).



JOSE ANTONIO

NO grupo brilhante dos diplomatas do Imperio, destacam-se personalidades egressas de carreiras que não a diplomatica. Em segunda carreira foram de boa representação patria ante estrangeiros, prestando serviços relevantes ao Brasil, aos seus interesses, à sua honra, esta o principal interesse de qual quer nação digna do titulo.

Assim Barbacena, Paulo Barbosa, Varnhagen, Rio Branco, Carvalho Borges, Eustaquio Mello Mattos, Souza Corrêa saíram da carreira das armas para entrada na diplomacia servida em missões especiais ou ordinarias. Incorpore-se ao grupo Felipe José Pereira Leal.

Nascia este no Rio de Janeiro, a 27 de Abril de 1811, do consorcio de José Antonio Pereira e D. Leocadia Joaquina Pereira Leal, habitantes de cidade cujos mais altos moradores eram D. Maria I, o Principe Regente e sua familia.

No Rio de Janeiro do tempo o seminario de São Joaquim instrua mocidade. Na casa de estudos, Pereira Leal iniciou os dele, habilitando-se em humanidades, base insuprivel para aumentos de cultura.

Escolhendo carreira, Pereira Leal, em 1827, tornou-se aspirante de marinha nos dias já em alvoroço do Primeiro Reinado. Em Novembro de 1829 sahia guarda-marinha, os dias do Primeiro Reinado em crise e por assim dizer contados.

Entre colegas de turma contou Pereira Leal Bento de Carvalho, o heroico e sacrificado comandante da corveta *D. Isabel* de sossobro no cabo Spartel no visinho de Tanger.

Para um guarda-marinha a data e o navio de primeiro embarque devem ser inolvidaveis, o guarda-marinha já se antevendo almirante. Que bom esperar e sonhar quando se é moço!

Pereira Leal de primeiro embarque na fragata *Isabel* experimentou esta sensação. Depois, na Bahia, na repressão de movimentos sediciosos no Primeiro Reinado, mais depois no combate à sombria Cabanagem paraense, Pereira Leal distinguio-se a ponto de merecer elogios de Taylor, Mariath, Manoel Jorge Rodrigues, Andréa, alem de receber os habitos de Cristo e Rosa conferidos ao valor e diligencia do 1.º tenente Pereira Leal.

Valor e diligencia, privações em logares inhospitos, contribuíram para mal da saude de Pereira Leal, ferido em combate.

A Maioridade abriu ao Brasil uma era de esperanças e grandeza que os sucessos não desmentiram. Tres anos após a Maioridade resolveu Pereira Leal deixar a marinha de guerra. Nesta obtivera honrosa fé de officio, teria outra da mesma qualidade na diplomacia no vigor recuperado de pouco mais de trinta anos.

Adido de legação ao deixar de ser capitão-tenente, mandaram Pereira Leal servir em nossa representação de Montevideo. Esta e a de Buenos Aires sempre deram que fazer ao Brasil. Ministro residente, dirigia a legação do Uruguai o destacado Sinimbu, confiando a Pereira Leal comissões muito acima dos deveres de simples adido.

A Sinimbu succedeu Rodrigo Pontes, egresso da magistratura já desembargador. Com ele acostumou-se Pereira Leal às lutas da republica austral e caudillesca, aos balanços da fortuna politica de Rivera e Lavalleja, aos encontros sangrentos de *blancos e colorados*, representantes bem humanos de ideias e principios antinomicos.

Em 1845 mudou inteiramente o posto de observação de Leal com outro nos Estados Unidos, para transição absoluta e curiosa.

De 1845 a 1849, em parte desse tempo foi Leal encarregado de negocios, durante as presidencias de Polk e do general Taylor. Vio o primeiro às voltas com a anexação do Texas, a guerra contra o Mexico e o aumento da seita dos Mormões, socialistas arruinadores da democracia americana para tanto até de aliança com selvagens.

Na guerra de anexação do Texas os Estados Unidos promoveram contra o Mexico tudo quanto depois a favor dele, promoveriam contra Maximiliano da Austria, Taylor de papel na guerra de invasão.

Em 1849 deixava Leal os Estados Unidos, já na luta de dois partidos, o escravocrata e o abolicionista. Procurou então Leal o seu Rio de Janeiro. Para lher dar trabalho durante férias, em Agosto de 1849 o ministerio Paulo Souza do seu diplomata fez um administrador; Leal foi presidir a provincia, do Espirito Santo, que regeu até 1851.

A incumbencia politica foi parentese na vida diplomatica de Leal, curioso saber por que lhe deram aquela incumbencia tão destoante de sua segunda carreira.

Tornado à diplomacia, vio-se Leal encarregado de negocios no Paraguai. De Vitoria a Assunção, em tudo e por tudo, a distancia e as condições de vida eram bem opostas.

O Paraguai continuava a ser o feudo de Francia, que, segundo Carlyle, em outro seculo seria tido por feito da massa dos Grandes Inquisidores, cabeças de Santo Officio. Leal, encarregado de negocios, ia representar-nos juntos daquele ou melhor junto a Carlos Antonio Lopez, que a seu modo prolongava Francia e seus processos.

Lopez e Leal não podiam, não deviam, não se deram bem. Do segundo altivo só se poudo livrar o primeiro autoritario mandando-lhe passaportes e criando caso diplomatico.

Leal passou a respirar melhor nas alturas da Colombia, ajuntada à Venezuela e ao Equador, na antiga Colombia de Bolivar, com tres capitais, Bogotá, Caracas e Quito. O que Leal em todas vio ou soube seria bem instrutivo de lér e meditar se o diplomata houvesse escrito Memorias em leitura de vindouros.

Sempre encarregado de negocios e carregado deles, Leal veio, à Espanha em 1859 depois de bastante diplomaciador na America.

Nos Estados Unidos, Leal vira os Mormões anunciarem, de Biblia em punho, o advento do paraíso na terra. O nosso encarregado de negocios certo não o encontrou na Espanha ensanguentada pela guerra carlista. Deixou-lhe visão de luta, de ambições ao ser removido em 1861 para o Chile, paiz cuja estreiteza territorial tanto se compensa na extensão litoranea, convidando os chilenos mais ao mar que a terra.

Em 1861, na republica andina, voltou Leal a conhecer America Latina. O Chile do tempo do nosso diplomata era o das lutas politicas conservadoras e liberais dos partidarios de Montt, de Viena-Makenna, de Lastarria, enquanto solitario unificado e anistiador o Imperio do Brasil dava a verdadeira lição democratica à America do Sul.

Leal não se demorou em Santiago, em 1862 na Italia, que, em verso, Alvares de Azevedo declarou "delirante". Em 1862 o delirio politico atacava sobretudo Vitor Emanuel e Cavour.

A unificação da Italia estava em marcha e podia resumir-se nos gritos de Garibaldi e de seus camisas vermelhas "Roma ou a Morte", a raça latina muito de gritos.



O conselheiro Felipe José Pereira, oficial da Armada e diplomata. Rio de Janeiro 1811-1880.

Mas Leal dispoz de mezes para vêr Roma, cidade de vêr durante anos. Muito tempo encarregado de negocios, Leal foi enfim promovido a ministro residente no Prata onde permaneceria de 1863 a 1867.

Na Argentina começou Leal relações officiais, depois pessoais, com Rufino de Elizalde, ministro das Relações Exteriores.

Então, pelo Brasil, assinava Leal protocolo relativo ao pagamento de dous empréstimos feitos a Entre Rios e Corrientes e à Confederação, um em pesos fortes, outro em patacões.

Ministro residente, Leal acolheu em Buenos Aires missões especiais brasileiras, as de Alves Loureiro, Saraiva, Paranhos, Otaviano, Fortunato de Brito, Carvalho Borges e Amaral, o futuro Cabo Frio.

De 1863 a 1867 não foi pouco o que na Argentina cahio sob as vistas de Leal, a Confederação, Mitre por sua vitoria em Pavon, apertando o laço da unidade argentina. Mas como tudo se mata, menos as ideias, Mitre teve ainda de lutar, contra a ideia desagregadora do provincialismo, traduzida pelas celebres *montoneras* sangrentas.

Maior sangue argentino seria vertido na guerra do Paraguai, atingida a Confederação pelos assomos da colera do governo unipessoal de Lopez.

Em 1867, aos cincoenta e seis anos de idade, valendo por outros tantos na experiencia dos negocios e trato dos homens, o antigo tenente da armada Pereira Leal chegou ao que no tempo era o marechalato diplomatico, o cargo de ministro plenipotenciario.

Designado para Venezuela, o conselheiro Leal tornou ao paiz seu conhecido de 1855. e desde então teatro de lutas pelo poder, pela *silla* presidencial, até que a ocupasse Guzman Blanco autocratizando governo.

Fadado a diplomata mais em America do que na Europa, o conselheiro Leal em 1869 passava de Caracas para Lima, o Perú governado pelo presidente Pardo, este governado em parte pela plutocracia exploradora das riquezas do Perú, o salitre e o guano.

A posição de Leal no Perú dependia de muito táto diplomatico, interrompidas pouco antes as relações Brasil-Perú, por motivo do apcio de Pardo a Solano Lopez e à ingrata causa, isto em termos que haviam obrigado o ministro Varnhagen a deixar Lima.

Em 1874 desceu o conselheiro Leal das alturas da capital peruana para a fluvial Assunção onde ia servir segunda vez.

Leal iria ser espectador do epilogo do drama de guerra recente num paiz devastado por ela, no seio de população dizimada, mais feminina que masculina, num ambiente de pobreza e conseqente tristeza. Tal o espolio do governo de Solano Lopez.

Quem quizer saber de perto o que o conselheiro Leal presenciou no Paraguai de 1874 leia a relação de viagem do Barão Homem de Mello empreendida depois da guerra do Paraguai, onde o ministro Leal ficou até 1876.

Era destino do diplomata voltar a paizes onde já permanecera. De Assunção, Leal passou ao Chile quando este paiz de irmãos sul-americanos preparava guerra contra o Perú irmão e a Bolivia irmã, guerra, mais contra o irmão continental para lher arrebatara a hegemonia no Pacifico.

No Chile conheceria o conselheiro Leal esse José Manoel Balmaceda de tanta valia para o seu paiz na guerra do Pacifico, dela afastando qualquer intervenção norte-americana. A cabo de vida brilhante, Balmaceda se atiraria em 1871 num desespero de guerra civil.

Em 1878 o conselheiro Leal, pela disponibilidade diplomatica, fechou longa, movimentada, laboriosa carreira, vindo findar seus dias no Rio de Janeiro natal, de onde tantos anos ausente.

Um consorcio entrelaçara em parentesco Pereira Leal e Rufino de Elizalde, o antigo ministro do Exterior argentino. Elizalde casara com Mancela de Lavalle Leal, filha do conselheiro Pereira Leal e de sua segunda esposa, Mercedes de Lavalle Leal, irmã do general Lavalle.

O casal Leal-Elizalde teve descendencia, uma das filhas dele, Helena, casando-se com Elysio Pereira Marinho, no fim do Imperio visconde de Guahy e ministro da Marinha.

A 13 de Agosto de 1880, no Rio de Janeiro, expirava o conselheiro Felipe José Pereira Leal. De sua vida, de seus serviços, deram noticia José Pereira Leal Sobrinho e o conselheiro Olegario de Aquino e Castro, aquele pela pena, este como orador do Instituto Historico e Geografico Brasileiro, dele Leal socio desde 1846.

Ha duas especies de elogios: os fementidos se condenam por si mesmos, os verdadeiros por si mesmos se confirmam. Oha se do Conselheiro Leal conhece a seg. lator e a da-la para exemplo.

AFINAL,
QUE REI
SOU EU?

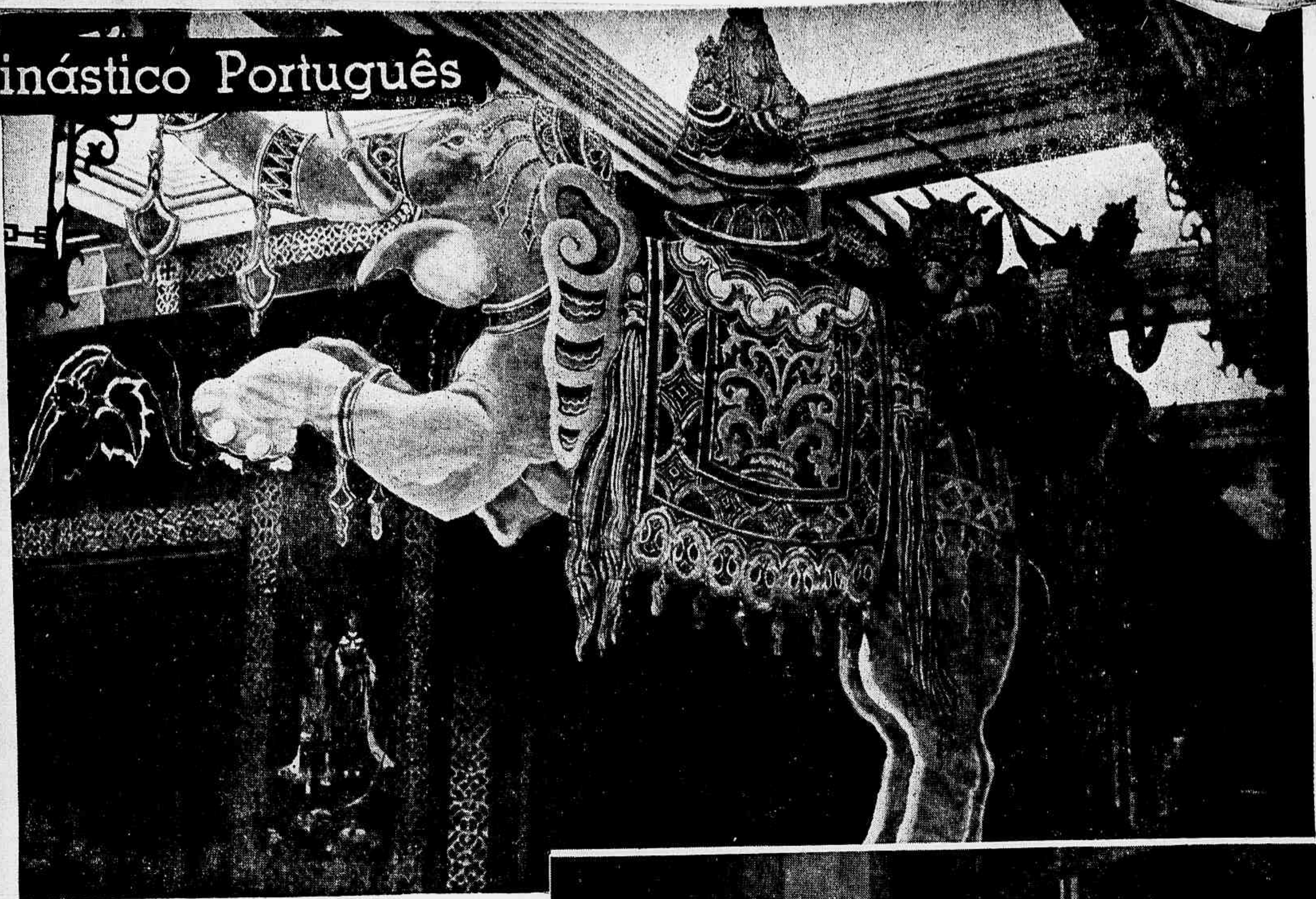


Não foi um Carnaval à moda antiga, tipicamente carioca, nem podia ser. Mas, ainda assim, força é confessar, os folgedos populares excederam às melhores expectativas. Embora racionadíssimos, deixaram que a alma encantadora das ruas, de que nos falava João do Rio, se espalhasse à vontade, pelas artérias do centro, pelos bairros e subúrbios mais distantes, e se localizasse, de preferência, nos salões. Era ali, nos recintos fechados, que os foliões vibravam a sua alegria indomável e, ao som da "Sinfonia dos Tamancos" ou do "Edgar chorou", matavam saudades da festa que em outros tempos mereceu a alcunha "popular por excelência e a maior do mundo". O povo está cansado de sofrer. E tentou esquecer — quem sabe! — as suas amarguras do ano inteiro, de mais um ano de guerra... Nestas páginas, a REVISTA DA SEMANA oferece aos leitores uma síntese ilustrada dos bailes e dos aspectos de rua.



CARNAVAL
DE
1945

Ginástico Português





A veterana sociedade recreativa levou a efeito, na noite de sábado, o seu tradicional baile, do qual damos nestas páginas alguns variados flagrantes, bem como detalhes da sua sugestiva decoração. Sem favor, foi esse um dos mais elegantes e melhor concorridos do racionadíssimo Carnaval de 1945 — sem corso, sem máscaras, sem lança-perfumes porém conservando ainda um pouco das suas explosivas demonstrações de alegria nos salões que, a exemplo do Ginástico, proporcionaram aos seus associados uma noite divertidíssima.



Ginástico Português



O tradicional "Baile das Atrizes", realizado este ano no Teatro João Caetano, no dia 6 do corrente, esteve animadíssimo e levou àquela casa de diversões verdadeira multidão de adeptos de Momo, que tiveram ocasião de presenciar a coroação da nova rainha da festa: Edelweiss foi a soberana escolhida. Reproduzimos nesta página alguns aspectos fotográficos do animado baile. Na página à direita vemos Edelweiss ao lado de sua predecessora, quando de sua coroação como rainha do "Baile das Atrizes". Além da coroação concorreram para o sucesso alcançado pela tradicional festa a beleza de suas participantes, a variedade e originalidade das fantasias ali apresentadas.



Baile das Atrizes



Baile das Atrizes





America



Club Municipal



Bailes infantis

Também a festa infantil do Clube Municipal foi concorridíssima. O cliché acima nos mostra um grupo de pequenos foliões que participaram desta maravilhosa "matinée" carnavalesca.



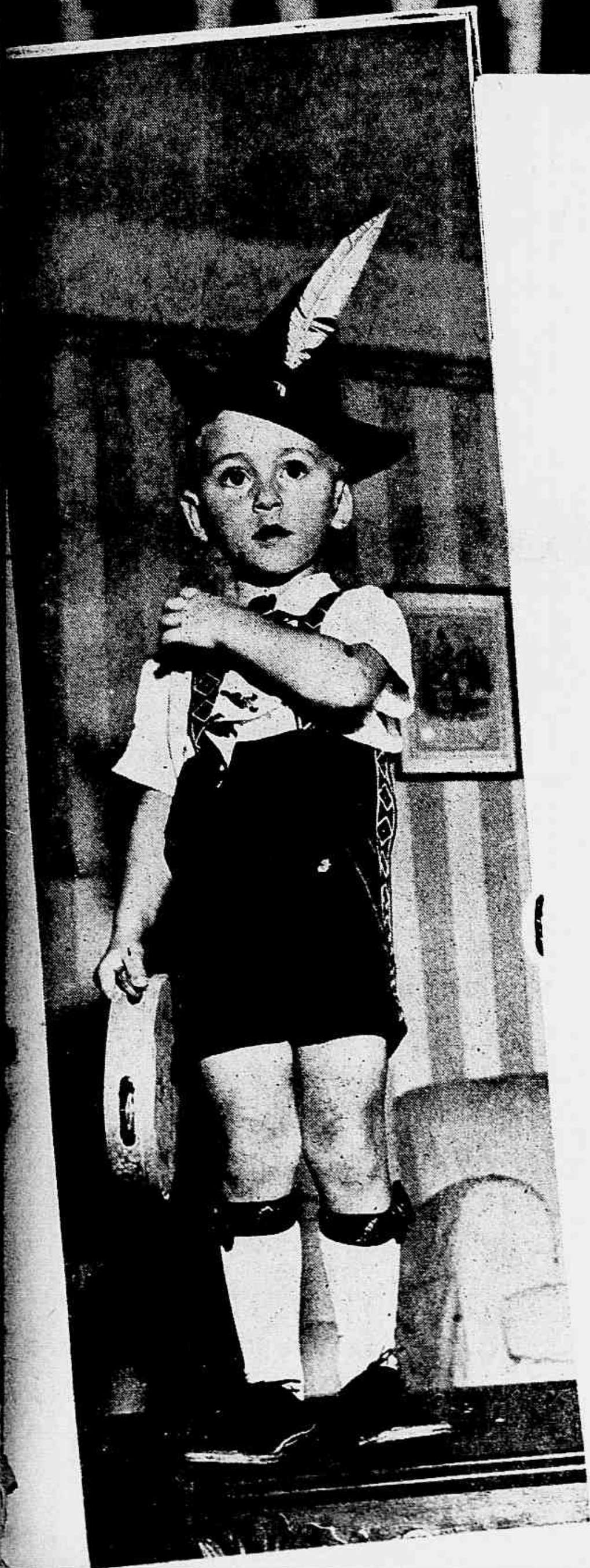
Em cima: dois interessantes grupos de foliões que alegraram a tarde infantil do Automóvel Clube. Em baixo: outros guris que tomaram parte nesta alegre vespéral, posando para a REVISTA DA SEMANA.





Para a gente grande o Carnaval pode estar morto ou agonizante. Para os foliões de calças curtas, porém, a festa de Momo continua cada vez mais viva e cada ano mais alegre. A garotada, com todo o ardor juvenil de seu entusiasmo, entregou-se este ano à folia, lotando os salões de baile que se abriam para recebê-los em elegantes "matinéas". E' verdade que este ano, ao contrário do que sucedeu nos carnavais anteriores, não apareceram na Avenida as lindas e ori-

tas
clu
aple
o e
inti
rest





Bailes infantis

fantasias infantis, que davam a nota mais alegre do nosso Carnaval de clubes, entretanto, as vesperais dedicadas ao pessoal meúdo obtiveram amplo sucesso, e realizaram-se num ambiente de franca animação e de o espontâneo e franco. A nossa reportagem fotográfica, presente aos intis do Clube Ginástico Português e do Botafogo, focalizou alguns estas brilhantes festas carnavalescas, animadas pela graça de milhares

de tiroleses, russos, palhaços e árabes de um metro de altura, a quem o pouco tamanho não impediu que se divertissem e foliassem à larga. Os grupos infantis que aparecem ao alto desta página foram feitos por ocasião da "matinée" do Ginástico, e as fantasias abaixo durante o brilhante baile da garotada botafo-guense. Por elas se pode ter uma idéia do que foram os bailes infantis d'este ano, que deram a nota mais alegre e viva d'este Carnaval no Rio de Janeiro.





Ao alto: algumas das lindas fantasias que embelezaram o baile infantil do Botafogo. No centro da página: as duas menores folionas que participaram da festa botafoguense. Ao lado: um grupo de carnavalescos mirins que animaram aquele baile.

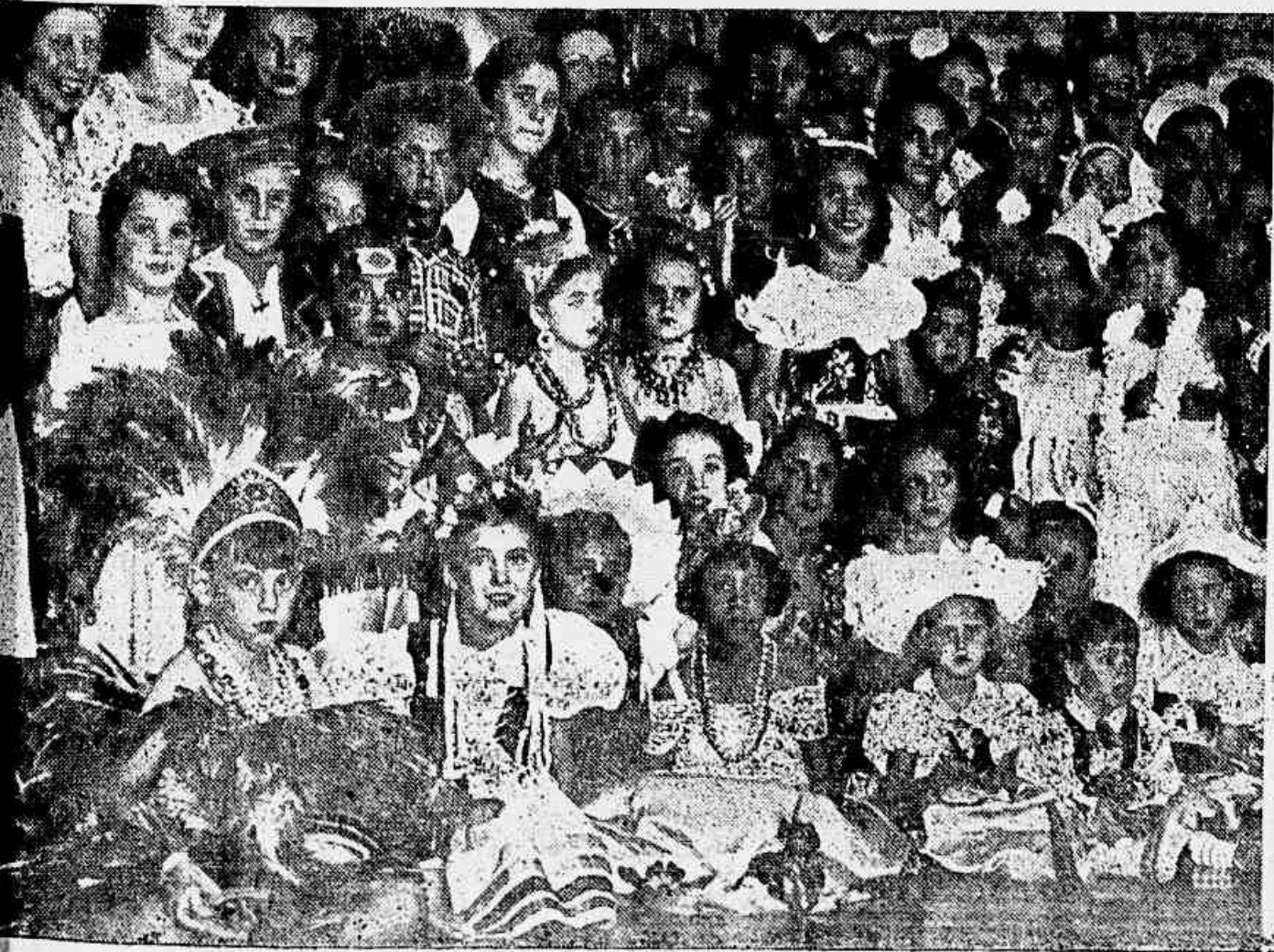


Também no Clube Nacional os pequenos adeptos de Momo puderam dar expansão ao seu temperamento. Abaixo reproduzimos dois aspectos da alegre tarde infantil organizada por aquela agremiação durante o tríduo da folia.





Tanto nos clubes do centro da cidade como nas tradicionais agremiações dos bairros elegantes da cidade, o Carnaval dos garotos esteve animadíssimo. As matinées carnavalescas acorreu uma multidão de garotos, que se divertiram à larga, num magnífico espetáculo de alegria e beleza, animado pelas vozes juvenis que entoavam entusiasticamente as músicas de sucesso. Nesta página, grupos de pequenos foliões fotografados durante as festas infantis, vendo-se, ao alto, garotos que compareceram à vespéral do Fluminense; ao centro, aspecto colhido no baile infantil do Automóvel Clube; em baixo, dois grupos feitos por ocasião da festa do América.





Esteve animadíssimo o Carnaval no Botafogo. Os salões da-
quela elegante sociedade encheram-se de foliões e coloriram-se
de ricas fantasias durante a realização dos tradicionais bailes
carnavalescos do clube alvi-negro. Nesta página estampamos
cinco fotos focalizando aspectos dos bailes do elegante clube,
mostrando a alegria que irradiava do sorriso das folionas bota-
foguenses. Por estes flagrantes pode-se formar uma idéia do que
tenha sido o Carnaval do Botafogo em 1945.

30



Botafogo





Botafogo



Flamenco



S. Cristovam





Tijuca



De Da Vinci a Cézanne

Continuação da pag. 14

tadas pelas palavras de seu pai, que nos mostrava agora uma paisagem de Niterói pintada por ele.

O colorido era algo de irreal e anárquico: um rio de sangue corria em frente às ruínas de uma cerca de arame, e o verde dominava todo o resto da pintura. Mas os detalhes revelavam uma perfeita vocação para a pintura; indicavam a hereditariedade artística do menino.

Íamos conversar um pouco com Italo, quando notámos a sua ausência.

Enquanto observávamos as suas obras primas, ele havia corrido para o jardim, onde está instalada a sua fábrica de aviões.

E ali foi surpreendê-lo o fotógrafo, fixando um flagrante de suas atividades de engenheiro aeronáutico.

Fazia-se tarde. O pintor Campofiorito era obrigado a ceder lugar ao jornalista Campofiorito, com uma entrevista marcada às tantas horas.

Despedimo-nos daquela família de artistas, pois Italo para nós já era também um artista em formação, dentro da liberdade de escolher, pelo seu livre arbítrio, o caminho a seguir.

E essa liberdade é, por si só, o símbolo da vida e da arte dos seus pais...

"O Pescador", outra magnífica tela de Quirino Campofiorito, apanhando um aspecto da vida dos homens do trabalho. Como em todos os seus quadros, o colorido desta tela é de uma sugestividade magistral.



"Homenagem a Cézanne", pintada por Quirino Campofiorito em 1933.

Maravilhosos Cremes

*importados
da América!*

Para um tratamento de beleza feito em sua própria casa, experimente os cremes e outros produtos de HARRIET, importados diretamente da América, para as mulheres de hábitos refinados e elegância marcante.

NIGHT CREAM - Especialmente preparado para nutrir a pele seca.

LUXURIA CREAM - Creme de limpeza que amacia a pele.

SPECIAL SKIN (TEXTURE) CREAM - Rico e suave creme de massagem que nutre e alisa a pele cansada.

SPECIAL ASTRINGENT - Tonifica os tecidos e fecha os poros.

SKIN LOTION - Delicioso estimulante que tonifica os tecidos.



Harriet HUBBARD AYER
(NEW YORK - U.S.A.)



UM dos problemas de beleza mais sérios de uma jovem recém-casada é o de não desiludir o esposo. Não só durante a lua de mel, como durante o resto da vida, procurará a mulher manter sempre a sua aparência bem cuidada sem que se torne necessário revelar ao marido os seus "segredos" de beleza....

Por favor, querida amiga, nunca se apresente ao seu esposo com o rosto lambusado de creme; se você tem necessidade de usar uma pesada máscara para suavizar a aspereza de sua pele, use-a na intimidade do seu banho, pois absolutamente não é preciso passar a noite toda bezuntada de creme, coisa que dá à mulher, por mais bela que seja, uma apa-

rência desagradável. A noite é bastante usar um bom tônico para a limpeza, tirando-se todos os vestígios de creme e pintura.

Também seus cabelos merecem atenção. Se são longos, solte-os à noite, prendendo-os apenas com uma fita. Não vá dormir com a cabeça cheia de grampos e "enroladinhos"... A impressão que você causaria a "êle" não seria por certo muito lisonjeira.

Nunca aplique um **maquillage** sobre outro, removendo sim, totalmente, o **maquillage** anterior antes de aplicar o novo.

Não use perfumes fortes durante o dia, e muito menos quando for deitar-se. Exis-

tem "águas de toilette", de perfume muito suave, que aumentarão o seu encanto e frescura, fazendo com que "êle" se sinta bem ao seu lado.

Não sacrifique nunca a sua beleza. Dispense-lhe o tempo necessário, mesmo que roubando-o de outros afazeres. E, pelo menos na intimidade do seu lar, dê preferência às cores claras e vivas, que não

só realçarão a sua beleza como também a tornarão mais jovem.

Cuide pois da sua aparência, procure estar sempre a par dos assuntos que mais interessam ao seu esposo, cultive o seu bom humor, e você pode estar certa de que estará garantindo a felicidade do seu lar.

Kitty

ELAINE RILEY (RKO)



Inspirado nos trajes camponeses é este modelo gracioso que nos oferece Julie Bishop. A blusa é em *voile* suíço branco, com renda nas mangas e no decote. Corpete de veludo (para o nosso clima poderá ser feito em linho ou *shantung*) com viezes e tiras traspassadas. Saia de algodão estampado, com corpo alto. Um babado, franzido com a mesma renda da blusa, aparece à guiza de saia de baixo.



Joyce Reynolds apresenta um delicioso vestido de algodão areia e *pois* vermelhos. Blusa com alças, e em toda a volta do decote um *ruche* da mesma fazenda. Dois laçinhos de gorgorão vermelho são aplicados na frente, sob as alças.

Modelos



Finalmente um outro modelo para mocinhas, oferecido por Joyce Reynolds. E' uma blusa de cambraia branca, com decote redondo, e três babadinhos do mesmo tecido formando gola. Saia franzida, de algodão escocês, com grande babado na frente imitando avental.

(Fotos Warner Bros.)

A mesma "estrelinha" veste agora um encantador modelo em tafetá escocês. Talhe alto, com um babado de renda formando gola e descendo na frente até a cintura. O mesmo babadinho também nas mangas. A saia é franzida, com um bolso vertical de cada lado.





antisséptico
adstringente
bactericida

O produto preferido pelas
senhoras modernas para a
sua HIGIENE INTIMA.

PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

O verdadeiro Elixir
da longa vida...
dos Cabellos

REVIGORA
PERFUMA
HIGIENISA



INFALIVEL NA CÁSPA,
QUEDA DOS CABELOS
e demais Afecções do Couro Cabeludo

Livros

INÁCIO, novela de Lúcio Cardoso — Ocidente Limitada, editora — Rio de Janeiro, 1944



O Sr. Lúcio Cardoso, que já nos deu, haverá quatro ou cinco anos, uma novela de feição tenebrosa e empolgante, hoje nos oferece nova história destinada a judiar dos nossos nervos e fazer-nos dar tratos à imaginação. Que vem a ser Inácio? Quem é Inácio? Por muitas páginas o novelista guarda, fechado a sete chaves, todas as chaves do engenho narrativo e dos recursos do estilo, esse segredo capital. Entretanto, vamos acompanhando, não sem curiosidade, o jovem protagonista, chamado Palma e que, tendo atravessado um período de doença, com febre e delírios, resolve convalescer na rua, afim de fugir das vistas duma dona de pensão comovedoramente desvelada se não fora serôdicamente interesseira. Andamos com ele através da Lapa e daquilo a que vulgarmente se chama a sua zona estragada; a seu lado entramos em botequins de terceira ordem — supondo-se que não haja quarta — e ouvimos os seus colóquios com as frequentadoras do estabelecimento. Encaminhamo-nos, doutra feita, para a Feira de Amostras, onde, por entre novas libações em que predomina o whisky, travamos conhecimento com um desconhecido, dois desconhecidos. E é nessas andadas e por esses diálogos que, com o tempo, vimos a saber a história do moço Palma, história que começou, como tantas mais, em todas as literaturas e todos os tempos, com tres personagens: o marido, a esposa e o outro. Justamente um daqueles desconhecidos é o pai de Palma; e o outro...

Não contemos, porém, toda a novela. Deixemos alguma coisa de imprevisito, de surpreendente, no entrecho de *Inácio*, aos leitores a quem a maneira literária do Sr. Lúcio Cardoso, independente, enérgica, um tanto rude mas simpática, certamente prenderá até ao fim.

FASCINAÇÃO DA AMAZONIA, cenas e lendas regionais, por Esther Leão Cunha Mello — Pongetti, editores — Rio de Janeiro, 1944.

Não qualificaremos de romance este livro, mas também não negaremos que o seja. A Sra. Cunha Mello trata o gênero com uma liberdade e uma fantasia que fazem sair das regras fundamentais do gênero. Igualmente a não condenaremos por isso. F, em verdade, a escritora se põe ao abrigo de qualquer reparo técnico, qualquer especialização de dogma ou regra, deixando, ela própria, de qualificar a sua obra.

Há um navio que sobe o Amazonas, comandado por grande conhecedor da região, suas tradições, seus panoramas, seus costumes, suas superstições — e levando homens de trabalho e de aventura, uns já regularmente contratados, outros, por enquanto, apenas seduzidos pela fama das riquezas e esplendores da terra. A bordo, dão-se os episódios característicos de tais viagens: as efusões esperanças dos que ali vão pela primeira vez; os avisos pessimistas dos desiludidos e dos perversos; as partidas de cartas, os furtos, as intrigas, as rivalidades, as rixas. Mas o comandante, que é enérgico e ponderado, continuamente exerce uma ação providencial. Compreende a injustiça do destino dos que, longe de imaginar semelhante miséria, são condenados a uma labuta semelhante, se não às vezes superior em crueldade, à antiga escravidão; sabe apaziguar os briguentos; chamar ao respeito os de tendência insubmissa; reanimar os desesperados, dar a cada um o necessário amparo ou correctivo. E magistralmente sabedor da história e das lendas amazônicas, dá, nas horas vagas do serviço, verdadeiras lições àquela gente singela. Assim vem, no correr da viagem, a curiosa abusão relativa ao boto vermelho do Amazonas. Segue-se, páginas adiante, a "Lenda da cobra grande"; surge depois a "Lenda da seringueira"; vem ainda a "Lenda da vitória-regia" que começa pelo louvor exaltadamente lírico das graças e virtudes da heroína Muriú.

Quem poderia interpretar tanta beleza! "Murerú — gorieavam os pássaros em revêca — Murerú — respondia o eco pela mata. — Murerú — era a canção na boca dos índios encantados. Murerú era a ânsia daqueles que ainda não a tinham visto — Murerú — era o perpassar da brisa. — Murerú era o aroma das flores — Murerú era o gemido da ventania. E foi assim, em melodia, derramado o seu nome em todo o arredor. A magia dessa música chegou aos sítios mais remotos. Foi ter ao rio Ucaiale, onde tinha refúgio a tribo mais audaz. Ali, naquela tribo, filho da tribo, vivia um índio de grande beleza e de grande coragem. Chamava-se Iapuna-Caa.

Não é esse, porém, bem entendido, o tom geral do livro. E as narrativas do comandante vêm a constituir ditosas variantes no desenvolver da ação singela do que seria simples e mance e no estilo das outras páginas, que oferece clara espontaneidade e se mantém sempre interessante.

PREDESTINAÇÃO, versos de Geraldo Vidigal, prefácio de Mário de Andrade — Livraria Martins, editora — São Paulo, 1944

No prefácio, revela nos o Sr. Mário de Andrade que o poeta se encontra nas linhas do imitador, na Itália. Esta volta, nem o Sr. Andrade precisava de o acentuar, que "a arte não se tem a ver com isso". E, porém, bastante sabemos de tal circunstância para, no seu e de outras peças poéticas, o instantaneamente voltarmos a pensar no jovem rimador que se foi bater por tão grande causa e voltará trazendo em si alguma coisa de tão nobre vitória.

Sem que o queiramos e embora tentemos separar uma figura da outra, o poeta e o soldado se mostram limparados aos nossos olhos e inseparáveis na nossa concepção. De momento a momento, no sentido e na beleza plástica dos versos, surpreendemos analogias, as correspondências, os sinais de identificação entre o moço que canta e o rapaz que batalha. Nos versos de amor ou de saudade, a espécie de saudade que se tem aos vinte anos; nos versos enlevados na formosura da vida; doridos de certas crueldades, passagens embora, da sorte; contemplando os panoramas da terra natal; meditando sobre o destino de outras terras e de todas as criaturas — vemos o homem de ideal e de empenhamento, o homem de ação e de ação, e não sabemos a qual dos dois mais prezar. Para não escolher, isto é, para não hesitar, transcreveremos a página final:

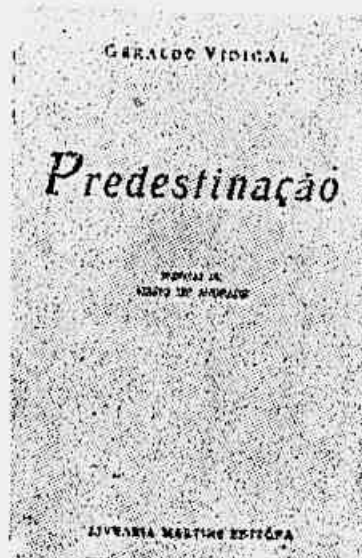
Nova

Este solurno de gemidos,
De imprecções, de súplicas, de brados,
Surdo clamor de seres revoltados,
Que fere os ares e enche os teus ouvidos,

Toda a angústia infernal dos fracassados,
O desalento dos desiludidos,
A cólera impotente dos vencidos,
A queixa, enfim, de tantos desgraçados.

Nada te faça duvidar. Avança
Através da aflição que te rodeia,
— Mensageiro do amor e da Esperança!

Mergulhado no sonho que te enleva,
— Caminha! E em derredor, feliz, semeia
Os grãos de luz que hão de vencer a treva.



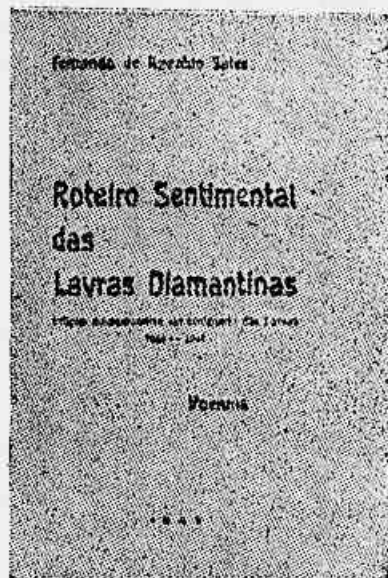
ROTEIRO SENTIMENTAL DAS LAVRAS DIAMANTINAS, poemas de Fernando de Azevedo Sales, prefácio de Afrânio Peixoto — Bahia, 1944.

De poemas classifica o Sr. Fernando de Azevedo Sales as composições que formam o presente livro, breve pelo número de páginas mas pela substância deveras cativante. Não discutamos aquele sub-título. O poeta, e não há dúvida de que o é, desenvolve os seus temas inspiradores em correta e sonora prosa, fragmentando esta, por via de regra — ou de falta dela — em linhas arbitrárias. Nem por isso a obra deixa de clarecer certa beleza sugestiva, além da significação histórica de celebrar o centenário das Lavras.

Com duplo entusiasmo: literário e baiano, o Sr. Afrânio Peixoto, a quem os Franceses, além doutros títulos gloriosos, não deixariam de dar o de "nosso grande prefaciador nacional", ergue um brinde à terra onde tal livro apareceu: "Eu bebo... à Bahia, à chapada Diamantina, à minha terra do Sertão. Nasceu-lhes um poeta! Realiza-se um poeta! E' tangível, vê-se, ouve-se, é mesmo". Vejamos, ouçamos a página intitulada Conquista:

...E os avós margeavam os rios,
desciam o Paraguassú
enchendo as sacolas de diamantes...
As "Bandeiras" transpunham os espigões azues,
abriam as primeiras estradas
na imensa conquista do sertão.

...E os bravos rasgavam o sertão moreno
e caíam à margem dos lagos sebreiros
apontando para as estrelas reluzentes,
que cintilavam
como um reflexo irônico de diamantes...
E as ossadas na beira dos caminhos
eram os itinerários sertanistas,
— as lendas heróicas da grande marcha.



ANUÁRIO BRASILEIRO DE LITERATURA — Livraria Zélio Valverde, editora. — Rio de Janeiro, 1944.



Tem perfeito cabimento nesta secção o Anuário Brasileiro de Literatura, fundado pelos Irmãos Pongetti e agora editado pela Livraria Zélio Valverde.

O presente volume, que vai a cerca de quinhentas páginas de grande formato e abrange os anos de 1943 e 1944, assinala meticulosamente, durante esse período, o movimento das letras brasileiras. E não apenas isso. Em referências sucintas recorda os fatos memoráveis da guerra e os acontecimentos de importância e repercussão na vida do mundo. Segue-se profusa relação de endereços de intelectuais no Rio de Janeiro e em quasi todos os Estados. Veem depois resenhas da produção no Romance, na Poesia no Ensaio, na Literatura Médica, Jurídica, Filológica, Infantil. E ha quatro páginas excelentes de Tristão de Athayde com o título *Miséria e grandesa da literatura*.

No correr dos capítulos e por entre inumeros contos, poesias e outras obras de ficção, encontrará o leitor, toda sorte de pesquisas, estudos, apreciações críticas, assim por exemplo: Vida íntima e social do Brasil durante a Regência, Formação do Brasil contemporaneo, Intelectuais e artistas

brasileiros contra o fascismo, Panorama da literatura contemporânea norte-americana, O Brasil e Portugal descobrem-se, Livros brasileiros em inglês, La moderna novela brasileira en la Argentina, Imensidad humana en la literatura brasileira, Bibliotecas do Rio de Janeiro, Bibliotecas e museus para as cidades do interior, Um biênio de letras mineiras, A biblioteca municipal de São Paulo — além de, bem entendido, vasta publicidade. E encerra o volume, compreendendo mais de duzentas páginas e relativo aos anos já referidos, o Movimento Bibliográfico organizado pelo Sr. Aureo Ottoni. J. L.

FARMÁCUM — (Consolidação das leis médico-farmacêuticas-toxico-entorpecentes-propaganda-higiene do trabalho) Professor Eugenio Monteiro — São Paulo.



Este livro, contendo uma coletanea da consolidação das leis médico-farmacêuticas-tóxico-entorpecentes, propaganda-higiene do trabalho vem de ser lançado em edição da "A Represental Ltda".

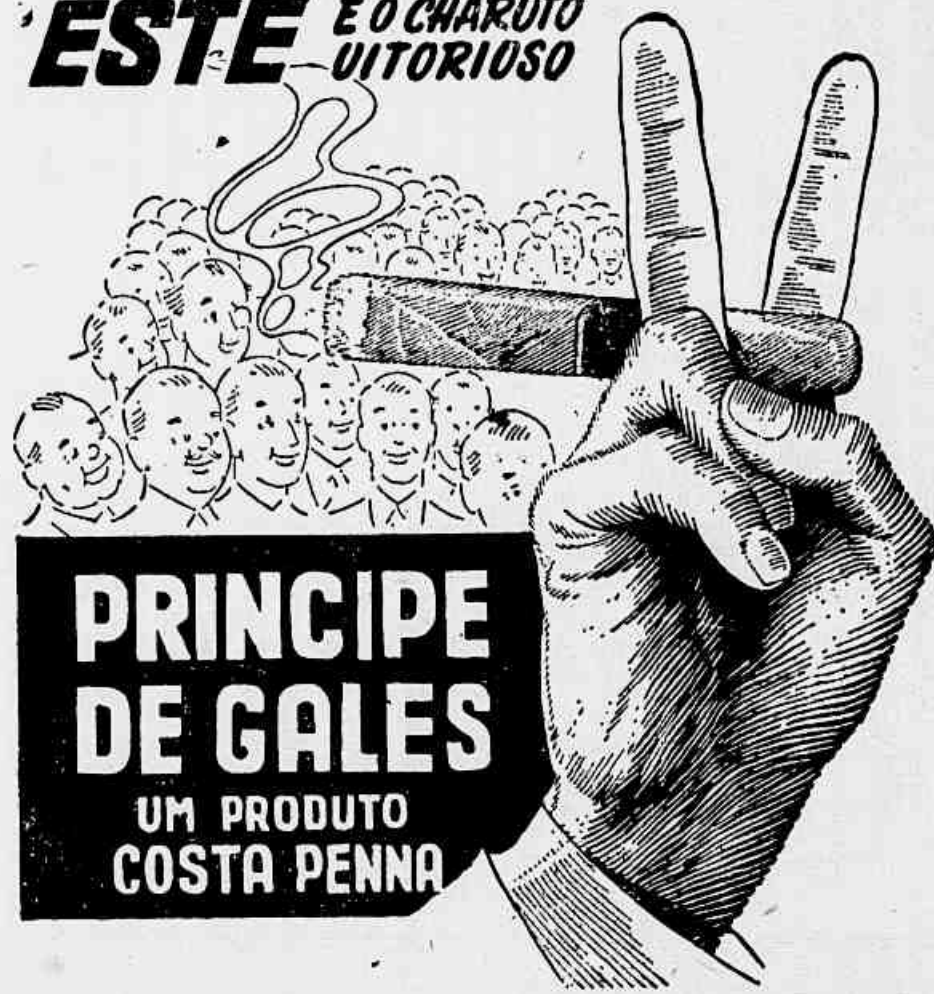
Não é propriamente um vademecum sintético, tendo antes o feitiço e os característicos básicos de um compendio de consultas e informações.

Trata-se de um livro util aos farmacêuticos, médicos, químicos, enfermeiros, a todos enfim que exercem profissões ou officios sujeitos à legislação acima. Após a coletanea de leis contém ainda este livro a doutrina e jurisprudencia a elas relativas, além de anotações do autor.

As anotações e comentários do Professor Eugenio Monteiro tornam este livro um trabalho sumamente interessante e instrutivo, que poderá ser lido com proveito mesmo pelos leigos.

Revelando o espírito estudioso e pesquisador do seu autor, este volume, que cumpre bem as finalidades a que se destina, é mais uma valiosa contribuição para a nossa literatura jurídica.

ESTE É O CHARUTO VITORIOSO



PRAIA DE BOTAFOGO APARTAMENTOS PARA ENTREGA EM FEVEREIRO

- CONFORTÁVEIS
- ACABAMENTO DE 1ª. QUALIDADE
- 2 AMPLAS SALAS
- 3 DORMITÓRIOS
- ARMÁRIOS EMBUTIDOS
- GARAGE PERTENCENTE AO CONDOMÍNIO
- 70% DE FINANCIAMENTO A LONGO PRAZO

VENDEMOS

- OS ÚLTIMOS APARTAMENTOS DISPONÍVEIS, A PARTIR DE CR\$ 245.000,00.
- INFORMAÇÕES, SEM COMPROMISSOS, NA

Secção de Vendas :: 6º. andar

Banco Hipotecário Lar Brasileiro S. A.

Rua do Ouvidor, 90 :: Tel 23-1825



um anção muito bem tratado, lépido, palrador..

— Aqui estão os documentos. Veja.

A medida que eu corria os olhos pelas folhas amareladas, ia reconstituindo a vida de Francisco Manuel da Silva.

CENTO E CINQUENTA ANOS

Faz cento e cinquenta anos, num recanto da igreja da Candelária, Joaquim Mariano da Silva e Joaquina Rosa da Silva traziam o filho, Francisco Manuel, para ser batizado. E hoje, no livro marcado com o número oito, todo empoeirado, há, na página quatrocentos e quatro, o termo de batismo, que começa assim: "Aos dois dias de março de 1795..."

O menino nascera a vinte e um de Fevereiro. A dois de Março fôra batizado. Crescera e se dedicara logo à música, sendo o padre Maurício seu primeiro mestre.

A documentação não é — não pode ser — completa. Por isso acompanhamos sua vida aos saltos. Logo de início, o prêmio do Imperador, impressionado com o ta-

"O Hino Nacional já existia na data em que se realizou a cerimônia da coroação de D. Pedro II, a 18 de Julho de 1841. Provam esta asserção:

A) — O manuscrito do maestro Francisco Manuel, existente na Escola Nacional de Música, contendo a parte vocal do Hino Nacional, junto à letra atribuída ao magistrado Ovidio Saraiva de Carvalho — "Ao Heróico — Dia Sete de Abril (1831)" — composta por ocasião da abdicação de Pedro I.

B) — O "Hino à Coroação", especialmente composto para esta cerimônia pelo autor do Hino Nacional, existente na seção de manuscritos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (I — 32 — 25 — 48) com versos de João José de Souza e Silva Rio, irmão de Joaquim Norberto e, tio do saudoso crítico musical Oscar Guanabarrino.

C) — Já em 1838, o "Jornal do Comércio" publicava uma narrativa da qual destacamos o seguinte parágrafo: "A banda de música da nau tocou lindíssimas peças de música e entre elas o Hino Nacional, composto pelo sr. Francisco Manuel da

DO HINO NACIONAL

PARAGUAI AO VALE DO PÓ — OS JORNALISTAS DE 1889 DISPUTAM A PATERNIDADE DE UMA IDÉIA VITORIOSA — COMO A REPÚBLICA ACEITOU O "HINO NACIONAL"

lento do jovem músico: uma viagem à Europa, para estudar na Itália. Mais tarde, de volta ao Brasil, suas grandes realizações: o conservatório, com que o governo assumiu a direção do ensino da música até então votado, no nosso meio, a iniciativas particulares. A Academia Imperial de Ópera... O hino...

ONDE TEM INÍCIO UMA VIDA AGITADA

A biografia do Hino Nacional não é uma história sem história como a vida das pessoas felizes. Sofreu reveses e teve aventuras. Seu nascimento é obscuro. Com efeito, não se sabe com certeza quando foi composto e executado pela primeira vez..

Uma das hipóteses dá o Hino como composto para a coroação de D. Pedro II. O sr. Agostinho de Almeida, contestando essa opinião, diz:

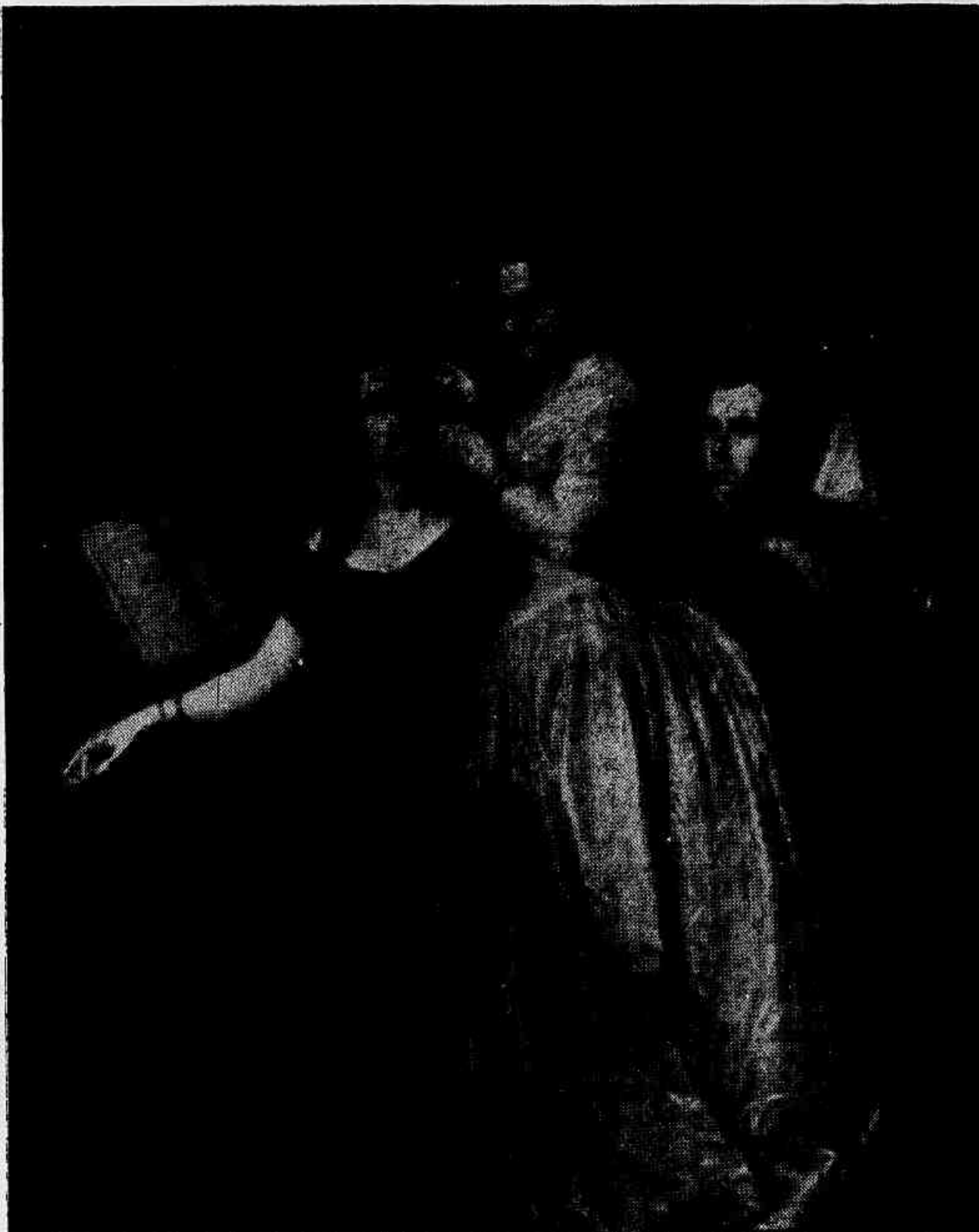
Silva, que foi executado com o maior primor."

Afastada, assim, a hipótese de ter sido o Hino composto para a coroação de Pedro II, restam duas outras, defendidas por muitos dos pesquisadores: uma delas dá a composição como coincidindo com a abdicação de Pedro I, e outra aproxima da Independência do Brasil.

ONDE UM HINO ENTRA NA LUTA

Acompanhou os nossos soldados nas suas campanhas. Foi até o Paraguai e voltou vitorioso.

Quando veio a República já era, havia muito tempo, o nosso Hino e o povo não queria substituí-lo. Entretanto, houve uma tentativa nesse sentido. Alguns republicanos resolveram mandar compor novo Hino Nacional. E, assim, o marechal Deodoro ordenou que se abrisse um concurso



Este quadro, existente na Escola Nacional de Belas Artes, reproduz o retrato de Francisco Manuel em companhia de suas enteadas, a viscondessa de Ourem e d. Maria Pertence.

para-musical uns versos, já prontos, sobre a República. Mas houve protestos.

A VERSÃO DE ERNESTO SENNA

O reporter do "Jornal do Comércio", Ernesto Senna, conta:

"A reportagem diária lembrou-se de manifestar ao marechal Deodoro o desejo que o povo tinha de que fôsse conservado o Hino Nacional, tantas vezes ouvido nos campos de batalha e tantas vezes repetido nos atos mais caros e mais solenes da nossa pátria. Combinado o pedido, assentou a reportagem a idéia, com as pessoas presentes, que a acolheram com entusiasmo. Levada ela ao sr. marechal pelo sr. major Serzedelo e combinado com as bandas militares um sinal convencional, no caso da aquiescência do marechal, este acolheu a idéia com vivo sentimento de

alegria e declarou que conservaria o Hino Nacional. As bandas de música prorromperam imediatamente e a um tempo o grandioso hino de Francisco Manuel da Silva. O povo que estava em frente ao Palácio, ouvindo o toque inesperado do hino, fugia espavorido, convencido de ter havido uma revolta no interior do Palácio. Compreendeu-se, porém, logo o que se havia passado.

O marechal foi muito aclamado no meio de um entusiasmo indescritível. Ele próprio estava bastante comovido..

Muitas lágrimas vieram correr nesta ocasião, chegando José Carlos de Carvalho, ao apertar a mão do marechal, a chorar soluçante e convulsivamente.

Não me lembro de fato que tanto impressionasse os circunstantes.

Os reporters que se achavam no Palácio nesta ocasião eram os srs. Ferreira Gui-

"Não teme quem te adora a própria morte; Pátria adorada!" — com este verso nos lábios os nossos soldados se lançam hoje, em solo europeu, ao assalto contra as forças da tirania. E, à sombra do auri-verde pendão, eles receberão um dia o preito de gratidão da Pátria, que lhes entregou a defesa de sua soberania e a custódia de suas tradições de honra e dignidade.



marães, José de Castro Viana, Fernando Marques de Castro, Baldomero Fuentes Carqueja, Teotônio Diniz Regadas, Alfredo Costa e eu."

E OSCAR GUANABARINO?

Não é, porém, esta a única versão existente. Oscar Guanabarro, citando fatos cuja veracidade não é difícil de comprovar, reclama para si o crédito da decisão do marechal, atribuindo-a à influência de um artigo seu, publicado em "O País" de 4 de Janeiro de 1890, em que dizia:

"Marechal. Nos campos do Paraguai, quando à frente das colunas inimigas, vossa espada conquistava os louros da vitória e as bandas militares tangiam o Hino Nacional, qual era a idéia, o nome que acudia à vossa mente no instante indescritível do entusiasmo — a pátria ou o imperador?... Era o Hino Nacional e a ele estava associada a idéia da pátria. "E' certo que esse hino era tocado nas continências feitas ao ex-imperador; mas neste caso representava ele o Brasil e também despertava a idéia de pátria.

"Nas continências à bandeira competi-

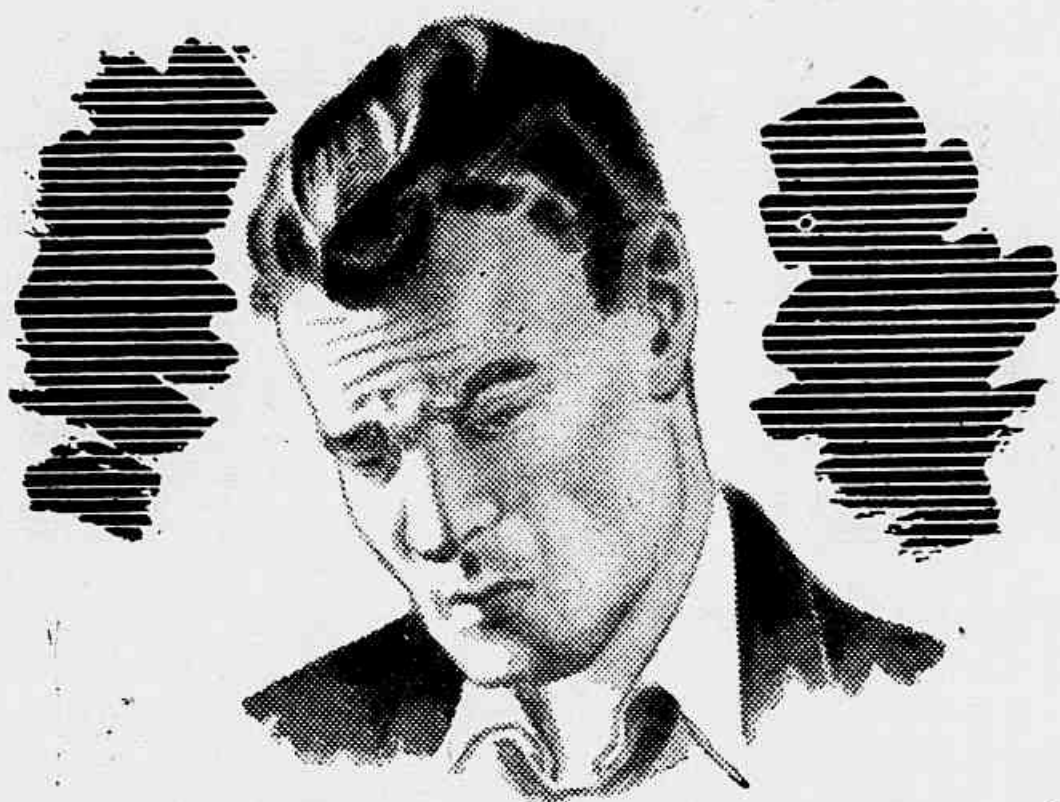
lhe o Hino Nacional, e a antiga bandeira não era o pavilhão do imperador mas a bandeira nacional com um acessório indicando a forma de governo adotada pelos acontecimentos de 7 de Setembro e tolerado desde sete de Abril até quinze de Novembro.

"Enquanto as gerações ora existentes na República não se extinguem pela morte, o Hino Nacional, em qualquer época, há de despertar o mesmo sentimento, porque a associação de idéia da pátria é fato inconsciente, instintivo e elaborado no espírito que não se afasta do absoluto."

O MESMO FATO, COM OUTRAS PALAVRAS...

O fato que Ernesto Senna conta, relatado por Oscar Guanabarro, com outras palavras, torna-se bem diferente. Diz o crítico musical que, depois de ter sido publicado o seu artigo em "O País", estava ele em Palácio, quando:

"...O chefe de gabinete do governo indagou se estávamos presente; com a resposta afirmativa tivemos comunicação com



INTOXICADO!

Todo o seu organismo envenena-se com as toxinas produzidas pela PRISÃO de VENTRE

Qualquer médico lhe confirmará que a prisão de ventre é a causa de uma infinidade de distúrbios, porque o homem ou mulher, vítima da Prisão de Ventre é uma pessoa intoxicada. Os resíduos alimentares, privados de uma eliminação normal e diária, entopem os intestinos e intoxicam o organismo, roubando ao corpo sua vitalidade e resistência. As Pilulas Aloicas, na prisão de ventre, mesmo nos casos rebeldes, proporcionam resultados satisfatórios.

A Prisão de Ventre
Mina e Destrói sua Vitalidade
Arruína sua Força e Saúde
Rouba sua Personalidade
Antecipa a Velhice

PILULAS

ALOICAS

1 Laxante
2 Purgante

Vaumart



Um GUIA GRATIS para SUCESSOS CULINÁRIOS!

• É o novo livro "Receitas com Maizena Duryea", onde encontrará 74 receitas variadas, saborosas e para todos os paladares.



MAIZENA DURYEA

Verifique o acampamento indio e o nome Duryea



A MAIZENA DURYEA 50
Caixa Postal, 6-B - São Paulo 37
Peço enviar-me, GRATIS, o livro "Receitas com Maizena Duryea"

NOME _____

RUA _____

CIDADE _____

ESTADO _____

o marechal Deodoro da Fonseca, que nos disse:

"Li seu artigo e estou de pleno acordo.

"Efetivamente, dias depois, o chefe do governo declarava: — O Hino Nacional será o mesmo; e o do maestro Leopoldo Miguez ficará sendo o Hino da República.

"No dia seguinte à decisão do marechal Deodoro da Fonseca apareceram nesse mesmo jornal os seguintes versos assinados por "Tesoura", pseudônimo do jornalista Augusto Fábregas, versos que confirmam o que acabamos de escrever:

Quando uma idéia é sensata
Vence mais tarde ou mais cedo.
As vezes caminha a medo,
Porém triunfa afinal.

Ora, pois, isto consola,
tanto trato dado à bola,
tanta gente a fazer hino,
e afinal, bendita rôlha,
quem venceu fora da escolha,
foi o Oscar Guanabarro."

"E aqui fica a história do Hino Nacional de que tanto se tem falado. (as.) Oscar Guanabarro."

QUEM FOI AFINAL?

Segundo a versão de Ernesto Senna, coube a um grupo de reporters, entre os quais não consta o nome de Oscar Guanabarro, fazer o pedido ao marechal, que prontamente acedeu. Ora, por outro lado, Oscar Guanabarro afirma que foi o seu artigo que fez com que o marechal permitisse que o Hino Nacional permanecesse o mesmo. Em que ficamos, afinal?

De tudo isso, porém, vemos como foi cheia de aventuras a vida do nosso hino, que por pouco não ficou relegado ao esquecimento como manifestação da monarquia desaparecida.

O OUTRO HINO

O concurso, entretanto, foi realizado, tendo-se executado os hinos dos diversos concorrentes, entre os quais figuravam pelo menos dois nomes ilustres: o de Francisco Braga e o de Alberto Nepomuceno, que foi, aliás, a causa do protesto ainda de Guanabarro, que, julgando que a interpretação dada não permitia que fosse

realizado convenientemente o valor da obra desse compositor, escreveu, ainda em "O País", um comentário, no qual, aludindo à decisão do júri, dizia:

"Fique registrado aqui o nosso protesto contra a desigualdade do concurso."

VOLTA AO PRESENTE

Agostinho de Almeida guardou os documentos numa pasta, e disse:

— Eis aí a história do Hino.
Eram quatro horas da tarde.
— Você vai me desculpar, mas eu tenho uma porção de coisas a fazer e...
— Pois não. Até logo e muito obrigado.

Agostinho de Almeida puxou do bolso um lenço branco e enxugou o suor que lhe cobria o rosto.

— Até a vista.

Descendo a Avenida passei por uma escola, onde, encerrando os trabalhos do dia, os alunos cantavam:

"Ouviram do Ipiranga
As margens plácidas..."

Roberto Lyra Filho

CUTIS CANSADA



e sem viço

As perdas rugas na testa e ao redor dos olhos, as sardas, manchas, cravos e espinhas, são traçadores inimigos da beleza da mulher. Quando surgem estas imperfeições, lançando nuvens sobre a sua felicidade, confie nas virtudes do Creme Rugol. Rugol corrige rapidamente as causas do envelhecimento prematuro da cutis. Este famoso creme embelezador, usado todas as noites em suaves massagens no rosto, pescoço, e todos os dias como base do "maquillage", remove as impurezas que se acumulam nos poros, fortalece os tecidos, dá vigor e mocidade à pele. Com apenas uma semana de uso do Creme Rugol a sua cutis poderá ficar macia, limpa e acetinada, aumentando os seus encantos e protegendo a sua felicidade. A felicidade de amar... e ser amada.

CREME
RUGOL

Alvim & Freitas, Ltda. - C.P. 1379 - S. Paulo



GELO VERDE

(Continuação da página 39)

— Que foi?
— Uma idéia! Meu Deus, porque não pensei nisso antes!
— Que foi?
— Gêlo verde!
— O que?!
— Como é que os gangsters chamam esmeralda?
— É verdade. Os gangsters têm um nome especial para a esmeralda: chamam-na gêlo verde.
— E então?
— O que?
— Agora sei tudo!
— Você está louca!
— Não. Não era o único meio. E ninguém percebeu. Muito engenhoso.
— Quer fazer o favor de explicar?
— Agora, não. Vamos correndo ver se ainda temos sorte...
— O que?
— Mas primeiro é preciso telefonar.

— Telefonar para onde?
— Para o hospício.
— Quer que reserve um quarto para você lá? Você está precisando!
— Não. Não é para mim. Ligue para o hospício. Ele obedeceu.
— Agora pergunte se um pintor que foi levado para lá hoje de tarde ainda está lá?
— Ele fez o que ela pediu.
— Dizem que saiu. Foi levado por uma enfermeira do Sindicato dos Pintores.
— Ah!...
— Mais alguma coisa?
— Não. Vou dar mais uma telefonada e vamos sair. Arranje um carro enquanto eu telefono.

A caminho do apartamento acabado de construir na rua da joalheria, Hildegarda informou-o de que não existia nenhum Sindicato dos Pintores...

O carro aumentou a velocidade, e pouco tempo depois parava à porta do edifício.

— Novamente por aqui, disse Hildegarda. Marcia, a testemunha loura, espantou-se:
— Vim procurar minha bolsa que perdi aqui esta tarde...
— Hum. Por que não vai procurar sua bolsa na delegacia, hein?
— Oscar não compreendia nada, mas confirmou a ordem de Hildegarda. A moça foi presa. Entrara no edifício.

— Agora, uma busca em regra.
— Busca?
— Sim. A esmeralda está aqui. E eu acho que sei onde...
— Onde?

Não houve tempo para a resposta. Um homem saiu de um dos quartos e empunhando um revólver intimou-a a levantar as mãos...

— Até que enfim descobrimos! disse Hildegarda. Oscar,

(Continua na página 47)

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os crêmes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante".

Experimente-o.



Dê beleza aos seus lábios com baton ZANDE. É a maneira perfeita de obter um encanto duradouro. Experimente as suas lindas tonalidades e verá que não há nada melhor.

Para economizar, obtendo os mesmos resultados, não inutilize o tubo de metal do seu baton. Adquira um sobressalente, adaptando-o ao tubo já usado.

Zande
MARCA REGISTRADA
BATON E SOBRESSALENTE

O BATON PERFUMADO DA MULHER BONITA

CABELOS SEDOSOS, BRILHANTES, FINAMENTE PERFUMADOS.

Nº 177 B

Quina Petroleo ORIENTAL

PERFUME RIVIERA

A VENDA EM TODO O BRASIL.

Usar a pasta S. S. White é saber dar preferência ao dentífrico mais indicado para higiene e conservação dos dentes.



CABELOS BRANCOS?
LOCÃO
Brilhante

Cabelos Brancos???
Escurecedor Discreto

Informações:
Rua Flack, 153-Blo. T. 29-2840
OLEO — LOCÃO



BRONZISOL
ANTISOLAR

De Mme. Campos
FIXA UM LINDO BRONZEADO
NATURAL

A VENDA EM TODA A PARTE



Senhoras!
Se a
Natureza Falha

MENAGOL
REGULA!

DR. A. MENDES MONTEIRO
OBESIDADE, MAGREZA E
ENXAQUECAS — REGIMES
ALIMENTARES

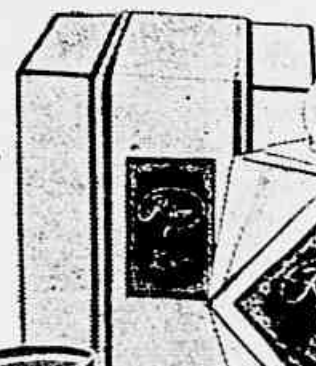
2.as, 4.as, 6.as, das 14 às 19 horas
Rua Senador Dantas, 20 —
salas 1.306/9 — Fone: 22-1778

1 — Vestido em seda clara. Leva um babado ao redor do peitilho e dos bolsos, que são pregueados.
2 — Vestido para jovem, com um babado acompanhando o recorte da blusa. Botões fantasia.

MODAS

UM PRESENTE
DE CLASSE
E DISTINÇÃO

PERFUMES



PERFUMES
BELLES FLEURES
MUSGO CHINE
05

BANCO NACIONAL DE DESCONTOS

FUNÇÃO ATÉ AS 19 HORAS

DEPOSITOS - DESCONTOS - CAUÇÕES

ALFANDEGA, 50

GELO VERDE

FIM (Conclusão da página 45)

apresento-lhe o ladrão da esmeralda. Um cavalheiro muito sabido...

O homem levantou a arma. Houve um tiro. Uma corrida.

Oscar desmaiou...

Quando abriu os olhos, estava num hospital. Sentado, à sua frente, estava o seu chefe.

— Está melhor, Oscar?

— Sim...

— Vim cumprimentá-lo pela prisão do ladrão.

Oscar agradeceu sem saber com certeza o que estava fazendo. O chefe apertou-lhe a mão e saiu acompanhado pelo médico.

Hildegarde só veio mais tarde. Sentou-se à cabeceira dêle ao ouvir o protesto:

— Se você não me conta tudo logo eu dou um berro!

O CARNAVAL E AS CIDADES DE VERANEIO

O Carnaval morreu ou não morreu?. Esta pergunta, por força das repetições nas "enquetes" dos jornais, já se tornou aborrecida. E ninguém, até hoje, chegou a uma conclusão segura.

Um fato comprovado, porém, é que este ano, ou por força da guerra ou por força de circunstâncias desconhecidas, o Carnaval esteve mais frio na Cidade Maravilhosa.

Antigamente, mal se anunciava o Reinado de Momo lotavam-se os trens, as linhas de ônibus redobravam as viagens, e o Rio se enchia de milhares de forasteiros, que vinham à "côrte", dos mais longínquos recantos do país, assistir ao nosso famoso Carnaval.

Hoje entretanto o movimento é contrário.

Os trens que viajaram desta Capital para o interior, no período carnavalesco, superlotaram-se, enquanto para cá se encaminharam composições quase vazias.

Os granfinos, fugindo ao Carnaval, aproveitaram-no para uma estação de veraneio em Petrópolis, ou voaram mesmo a Poços de Caldas e às outras estâncias mineiras, onde permaneceram durante o tríduo da folia.

As cidades serranas se encheram. Todos os que puderam adquirir passagem e pagar o preço elevado da estadia, passaram o Carnaval dêste ano nas cidades de veraneio, que viveram dias de animação, com o movimento de turistas.

Mesmo os remediados consolaram-se como uma viagenzinha a Angra dos Reis ou a São João de Meriti.

Tomando em conta êsse movimento de viajantes, não se pode deixar de querer saber se os cariocas foram mesmo repousar, ou se nas cidades do interior houve um Carnaval mais animado do que aqui.

Assim, continua-se na dúvida:

O Carnaval acabou mesmo, ou emigrou apenas?

— Veja só como um tiro pode afetar o cérebro de uma criatura! Você ficou histérico?

Mas, com pena do rapaz, que não sabia o que pensar, contou:

— O ladrão quis roubar a esmeralda que tinha deixado e ao mesmo tempo provar que a polícia é inepta. Que fez? Da primeira vez, sua cúmplice loura tinha tentado afastar a polícia dêle dando uma descrição falsa do criminoso. Da segunda vez, êle arranhou a única maneira de sair da rua, sem que suspeitassem dêle. Numa ambulância! Para isso, fingiu que estava louco. Mais tarde, sua

cúmplice foi buscá-lo dizendo que era de um sindicato que não existe...

— E a esmeralda? Que estava êle fazendo no edifício àquela hora? Era por causa da esmeralda?

— Sim. Fôra buscá-la.

— Conseguimos reavê-la?

— Ora se! O nosso amigo tinha veia humorística: escondeu a esmeralda — o gelo verde, na linguagem dos gangsters, na geladeira do apartamento e dentro do aparelho de fazer gelo. Havia um cubo de gelo, naquela geladeira, com uma esmeralda dentro!



TOME SOL...

... e não tema sardas.

Proteja sua pele com
LEITE DE COLONIA!

O sol é uma admirável fonte de saúde, mas muitas vezes provoca o aparecimento de sardas e manchas nas pessoas de cutis muito delicada. Isso, entretanto, não é motivo para alguém fugir ao sol, privando-se da alegria das praias e dos passeios ao ar livre. Goze intensamente essa alegria, sem temer sardas e manchas... Proteja a sua delicada epiderme da inclinação dos raios solares, aplicando Leite de Colonia sobre o rosto, colo e braços, não só antes de sair para a praia ou passeio, mas também ao regressar. Leite de Colonia limpa, amacia e protege a pele! Use-o e terá sempre uma cutis acetinada e juvenil.

Leite de Colonia

SOFRE DO FÍGADO?

TOME

BIO-HEPAX

PRODUTO DO LABORATÓRIO DA GUARAMIDINA



ENTÃO SERIA, ACONSELHÁVEL
DEPURAR O SEU SANGUE, PARA AU-
MENTAR A FELICIDADE CONJUGAL.

**ESSENCIA
PASSOS**

DEPURA E FORTIFICA

É UM PRODUTO
DO LABORATÓRIO SIÂN



UM DESODORANTE
DE AÇÃO DUPLA



**ARRID EVITA MANCHAS
E ODOR NAS AXILAS**

SEM IRRITAR A PELE

Arrid lhe oferece uma proteção du-
pla contra o odor desagradável do
suor. Protege você contra o mau odor
e a sua roupa, contra as manchas.
Arrid é um desodorante de delicada
fragrância, com a fina consistência
de um creme de beleza. Desaparece
instantaneamente pelos poros... pro-
duzindo efeito imediato. Com Arrid
você pode ficar completamente des-
preocupada, e divertir-se à vontade,
onde quer que seja — sem levar em
conta o calor. Proteja sua beleza e
encanto com Arrid... comece a
usá-lo hoje mesmo. Extremamente
econômico: Preço Cr.\$ 4,80 — Pote
grande: Cr.\$ 9,50.

ARRID



O desodorante que mais se vende

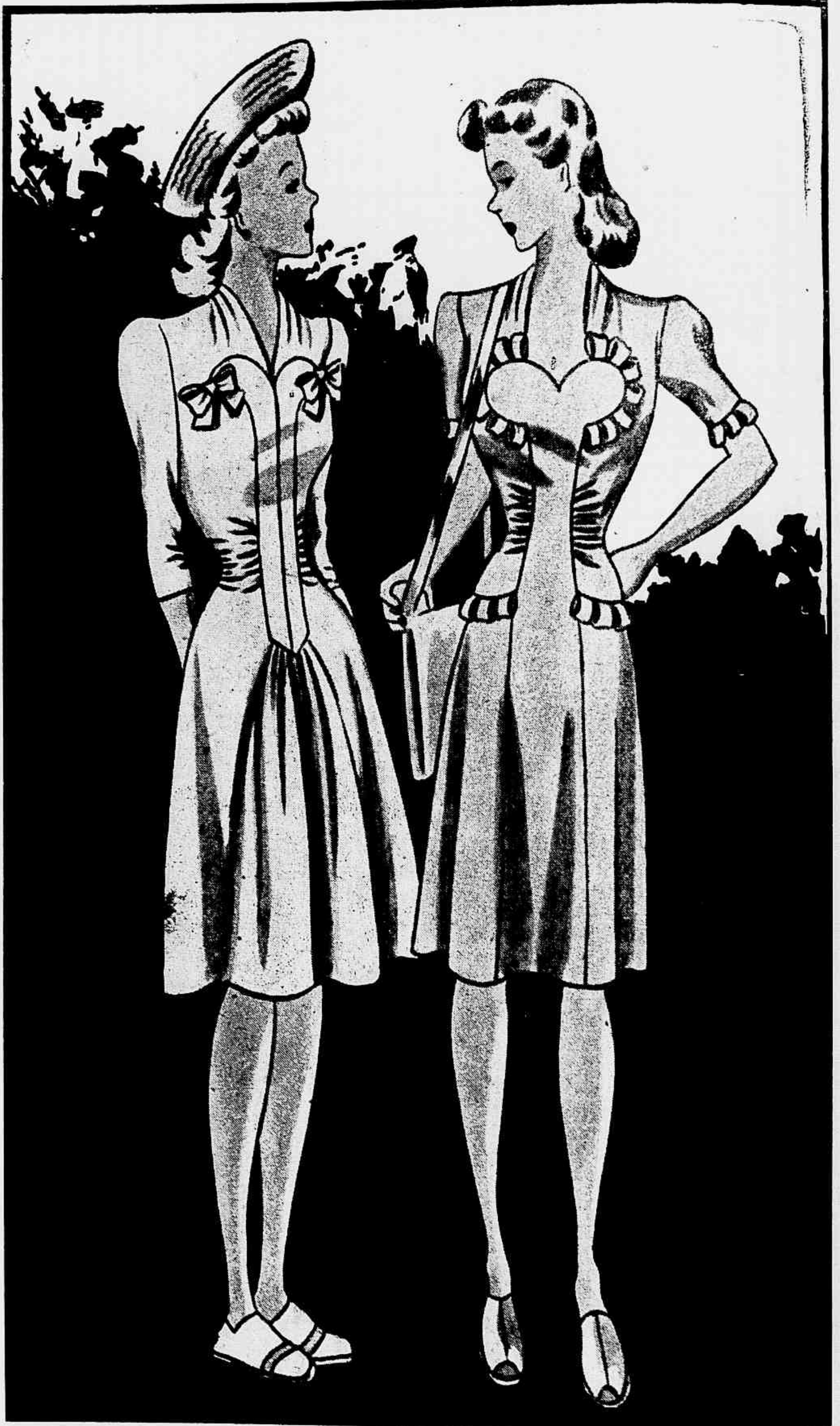
1 — Modelo original em seda clara.
Duas tira na frente fazem o
apinhado do franzido.

2 — Modelo de crepe turquesa com
original corte.

LIMPE A PELE UMA VEZ POR DIA
PASTA DE AMENDOAS
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
A VENDA EM TODA A PARTE

Mmes. Eva e Sylvia

JUNGERMAN COSTA
(Ex-auxiliares de Mme. Campos)
no seu INSTITUTO DE BELEZA
Rua Ouvidor, 138-1.º — Tel. 42-8775
Insc. S. N. F. M.



MODELOS

incarelli

ALMIRANTE BARROSO, 5 * UM NOME QUE FAZ O RENOME DE UM CALÇADO DE LUXO * RIO

Os últimos minutos

(Continuação da pág. 17)

A ESPOSA. — Meu Deus, meu Deus!

O MARIDO. — Bem, bem; deixe a patroa em paz!

Alegria e otimismo

No estado normal há sempre motivo para encarar a vida com alegria e otimismo. Os tristes devem, pois, fazer um auto-exame para descobrir a razão do desânimo e combatê-lo. Quando não obtiverem resultado, torna-se necessário recorrer a um médico, que verificará se a tristeza e a depressão nervosa correm por conta de alguma doença ou de simples alteração do quimismo humoral. Neste último caso bastará, muitas vezes, modificar a alimentação e usar um medicamento de base fosfórica para restabelecer-se.

Simplese desequilíbrio da glicemia ou do metabolismo dos açúcares causa desordens nervosas que podem resultar, também, da falta de elementos fosforados no organismo. A medicina atual tem recursos para ambos os casos. Em se tratando de deficiência de fósforo, a medida é fácil e consiste em algumas injeções de Tonofosfan, que concorrem para que o paciente apresente animadores resultados logo nas primeiras vinte e quatro horas.

FEMINILIDADE
Beleza-Saúde

Equilíbrio das funções

Estão ao vosso alcance com o tratamento Hormônio-Vitaminial, por meio de OKASA, produto de alta reputação mundial. OKASA (importado diretamente de Londres) é uma medicação ultraracional, garantida pelos conhecidos Laboratórios Hormo-Pharma. A base de Hormônios vivos e vitaminas ativas, OKASA é conhecido em todo o mundo pela sua eficácia terapêutica e oferece o máximo de sucesso em todos os casos de deficiência glandular do aparelho genital e do teor vitamínico, como: frigidez, insuficiência ovariana, regras anormais, perturbações da idade crítica (menopausa), obesidade ou magreza excessivas, flacidez da pele e rugosidade da cutis, queda ou falta de turgência dos seios, etc., todas essas deficiências de origem glandular na mulher. Experimente OKASA e se convencerá! Feminilidade, Juventude, Beleza, Atração e Saúde estão à sua espera. Em todas as Drogarias e Farmácias. Pedidos e informações ao Dist. Produtos ARNA. — Av. Rio Branco, 109 - Rio - Tel. 43.5378

Que Dôres
De Cabeça!

As dores de cabeça e nevralgias acalmam-se e aliviam-se friccionando as fontes e a testa com Mentholum. Sentirá logo uma agradável sensação de frescura e bem estar. Insista sempre no legítimo



MENTHOLATUM

A COZINHEIRA. — Prefiro ir em bora; a gente não é nenhum cachorro.

A ESPOSA. — Ai, ai!... (Chorando).

O MARIDO (dando um soco nas costas da cozinheira). — Bem, vá, minha filha!... (Sopra-lhe ao ouvido): Cale essa bôca, ou a ponho pra correr!...

A COZINHEIRA. — E' que...

O CARREGADOR (a tempo). — Cuidado, dona coisa, que lhe vou bater com este armário. (Empurra-a para fora da sala).

O MARIDO. — Não chores, meu bem; já está acabado. Está tudo no caminho.

A ESPOSA. — Por que saímos desta casa? Foi aqui que nasceu Zéquinha.

O MARIDO. — Vou dar umas bofetadas nesse garoto.

A ESPOSA. — Não obstante, eu tinha pensado que jamais sairíamos desta casa tão familiar.

Estavatão acostumada. Ai, não me posso separar dela!

O CARREGADOR. — Está tudo pronto, já vamos.

A ESPOSA. — Vem, querido... Que pena deixar este apartamento!

O MARIDO. — Depressa te acostumarás no outro. E' tudo que tão de hábito. E, ademais, o pequeno ficará mais perto do colégio, e terá um quarto só para ele. Verás como ficaremos bem acomodados. Essas quebras, que importam? Sempre se dá disso. Contudo, esses moços são os mais hábeis.

(Saem).

O CARREGADOR (com o rosto cheio de orgulho). — Minha senhora, faz favor, separei esta faca de peixe para não se perder, pois estava caída no chão. (Estende-lhe um pedal do piano).

O MARIDO (metendo-o rapidamente no bolso para que sua mulher não



GRATIS

Peça GRATIS pelo Correo o livrinho de Aristóteles Itália: "O Segredo do Sucesso e da Saúde", para adquirir saúde, vencer em negócios e amizades, aprender sugestão, magnetismo, clarividência, força de vontade, hipnotismo, o Conhecimento dos Mundos Superiores, seu horoscopo, etc. Só para adultos não analfabetos. Envie Cr\$ 0,80 em selos se quiser recebê-lo sob registro, evitando assim extravios. Escreva ao Sr. Artur S. Torres — Caixa Postal 2425 (D. F.).

o veja). — Está bem, meu amigo!

A ESPOSA (sorrindo através de suas lágrimas). — Pobre homem que previdente é! Dá-lhe um florim.

O MARIDO dando-lhe o florim).

— Tome.

O CARREGADOR. — Muito agradecido. (Com interesse) Vou procurar também o garfo; deve estar por aí.

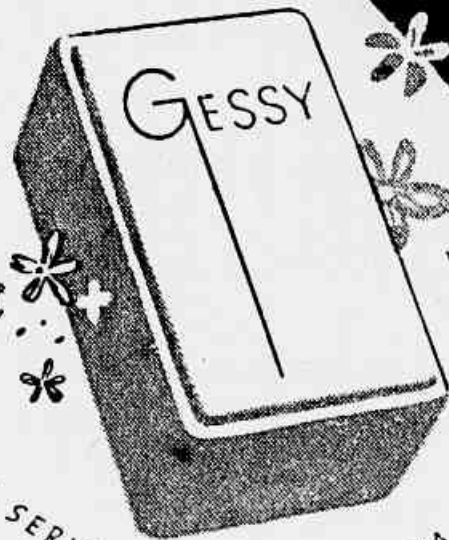
(O marido e a esposa vão dali precipitadamente. O porteiro fecha a porta).

O Romance de um perfume suave...

num sabonete consistente,

puro e econômico!

Numa sinfonia de caríssimas essências, combinadas num "bouquet" suave e delicado, a abundante espuma de Gessy protege e embeleza sua cutis. Seus finíssimos óleos vegetais exercem sobre a epiderme uma ação rejuvenescedora, restaurando-lhe o viço, a mocidade, o frescor. Experimente esta fina criação da indústria brasileira: Gessy. Gessy tem massa uniforme e consistente e é mais econômico. Gessy vale por um tratamento de beleza.



50 ANOS A SERVIÇO DA EUGENIA E DA BELEZA!
J.W.T. - 14.247



O guarda passou pela joalheria e seguiu rua abaixo. O homem de sobretudo que, estivera esperando essa oportunidade, correu para a vitrine. Parou um segundo diante do mostruário cheio de joias. Olhou para os lados. Não havia muita gente na rua. Era naquele momento ou nunca! Tirou do bolso da capa um joio que guardara ali e arremessou-o de encontro ao vidro, que se partiu com estrépito. Dois segundos mais tarde, enquanto alguns transeuntes observavam boquiabertos, ele pulava para dentro de um carro que estava parado, com o motor ligado, alguns metros mais acima, e antes que o guarda chegasse o carro partiu. O policial tirou do bolso um revólver para furar o pneu do automóvel. Mas uma bala certeira atingiu-o. Rolou na calçada e foi cair na sargeta, com o rosto numa poça de sangue. Uma mulher que estava perto gritou. Um empregado da joalheria que chegara à porta viu o que ocorrera e pegou o telefone.

— Policial disse à telefonista, com voz agitada.

As sirenes do carro policial não tardaram. Quando Oscar chegou, acompanhado de mais alguns detectives, o sargento que patrulhava a rua próxima tinha tomado a direção do caso provisoriamente.

— Oscar Piper, da Polícia Metropolitana, disse. .

— Sargento Macdonald.

— Que houve?

A descrição das testemunhas era vaga. Nem poderia deixar de ser. Espantadas com a rapidez dos acontecimentos, nenhuma prestara bem atenção ao homem. Diziam somente que o carro era guiado por uma mulher loura que usava óculos escuros e que o homem vestia um sobretudo

cinzento. Uma das testemunhas deu mais detalhes, mas Oscar percebeu logo que uma imaginação exaltada estava funcionando. Era uma lourinha, com sotaque do sul, que declarou que o ladrão era alto, moreno, com ar truculento, parecia estrangeiro e vestia-se elegantemente.

— Qual é o assalto na rua que não encontra alguma testemunha que lê romances policiais e fica a atrapalhar a polícia com uma descrição que nada tem que ver com a realidade? comentou Oscar, depois que ela partiu, deixando o nome e o endereço.

O caso era sério. Mais sério do que pode parecer, à primeira vista, porque quando um policial morre no cumprimento de seu dever, toda a força é abalada e não sossega enquanto não se descobre o criminoso, no caso o ladrão das joias, ainda livre. Oscar refletia, mas sem grandes esperanças de encontrar uma solução. Como descobrir esse homem? Era muito difícil. Não seria difícil encontrar algum comprador de joias roubadas. Havia alguns que transformavam qualquer joia de maneira a torná-las irreconhecíveis. Que outra maneira...

Oscar não teve tempo de concluir suas reflexões. Um enorme guarda-chuva preto cotucava-o. Mesmo antes de se virar ele disse:

— Você por aqui?

Hildegarde Withersriu:

— Não se esquece do meu guarda-chuva, hein?

— Desde o dia em que ele se chocou contra a minha parte posterior com violência...

Ela tornou a rir:



O LADRÃO VOLTOU...
GELO VERDE
NOVELA DE STUART PALMER

— Confesse que você merecia...
— Merecia coisa alguma. Você...
— Escute, Hildegarde, eu estou ocupado, não posso discutir com você agora...
— Eu também estou ocupada. No entanto, estou aqui.
— Ninguém lhe impede a saída.
— Uma coisa impede.
— O que?
— Eu também sou testemunha.
— Como?
— Eu vi o homem que roubou as joias.
— O que?
— Pois é. Não o vi de frente, porque estava do outro lado, mas sou capaz de descrevê-lo. Ele tem seis pés de altura, usava um sobretudo cinzento, sapatos de sola de borracha, evidentemente para não escorregar.
— Mais alguma coisa?
— Eu já lhe disse mais do que qualquer outra testemunha e você ainda está aí de cara amarrada, em vez de me agradecer.
— Bem, não vamos brigar por causa disso.
— Hum...
— Pois é. Escute aqui, Hildegarde. Você não se lembra de mais nada?
— Não. Que é que você vai fazer para pegar o criminoso?
— Francamente, não sei.
— Escute, Oscar, eu tenho uma idéia...
— Vamos a ela.
— Olhe...

Oscar pulou na cadeira. Então Hildegarde o enganara. A boa idéia que tivera e que ele anotara de nada serviria. Ela devia ter dito aos jornalistas. Bem na primeira página do jornal estava: "A Polícia tenciona pegar o ladrão assassino na armadilha".

Bela armadilha que anunciava onde se achava, publicava nos jornais... Agora perdera as esperanças de pegar o ladrão.

— Francamente, Hildegarde!
— Ora essa! Não era eu só que sabia de tudo. Mas você não perde tempo, é lógico, vem logo me dizer que fui eu. Se tem que haver um patife qualquer esse patife não pode deixar de ser Hildegarde!
— Mas...
— Já lhe disse que não fui eu quem falou com os reporteres. Mas, então, quem foi?
— Sei lá!
— Só você e o comissário sabiam...
— É, não é? E tenho que ser eu? Quem é que precisa da imprensa nas próximas eleições? Sou eu ou é...?
— OK, Hildegarde, eu peço desculpas.
— Bom... Que é que você vai fazer?
— Vou continuar com a coisa de qualquer maneira...
— Bem, eu estarei lá.

O plano era simples. Cercariam a rua onde estavam situadas todas as grandes joalherias da cidade. Dado o alarme do roubo, fechava-se a rede e ninguém saía sem ser revistado.

No dia seguinte estava armado o laço.

Hildegarde resolveu continuar suas compras. No dia do roubo, fora interrompida enquanto procurava um apartamento. Vira no jornal um anúncio de um prédio naquele

rua e resolvera ir visitá-lo, agora, ainda mais porque desta maneira estaria perto da joalheria para o que desses e viesse.

Foi subindo calmamente a rua até o edifício. E confessou logo que lhe agradava a aparência do prédio.

Entrou. Não havia ninguém. Um cartaz dizia: *sai para almoçar. Volto dentro de meia hora. Encarregado,*

— A senhora por aqui?

Logo no primeiro momento, Hildegarte não reconheceu a testemunha. Era a lourinha que descrevera um homem truculento, alto, etc. A testemunha da imaginação exaltada.

— Olá!

— Também está procurando apartamento?

— Estou.

— Parece que o encarregado não volta mais. Meia hora já passou desde que eu cheguei aqui e ele ainda não veio.

— E' sempre assim. Ele diz meia hora mas não escreve a hora que saiu e assim pode prolongar a meia hora indefinidamente.

— E' uma coisa horrível.

— Mas eu não sei por que não podemos visitar os apartamentos.

— E' mesmo. Vamos dar uma vista?

— Como não?

— O edifício já está quase pronto.

— Quando entrei senti um cheiro de tinta. Deve estar sendo pintado.

— E' verdade.

Havia um apartamento ótimo no primeiro andar. Depois de visitarem tudo, a testemunha que se chamava Marcia, despediu-se.

— A senhora não vem?

— Não. Eu fico. Vou esperar o encarregado mais um pouco; ele não deve demorar agora.

— Bem, então, até logo.

— Até à vista. Talvez venhamos a ser vizinhas.

— E' verdade...

O encarregado demorou um pouco. Mas chegou, afinal, e deu o preço do apartamento, informando que o do último andar ficaria mais barato, porque do penúltimo para o último andar não havia elevador. Hildegarte resolveu visitar o apartamento.

— Está fechado?

— Não. Pode subir que está aberto.

— Bem.

A princípio não percebeu bem. Depois, à medida que foi se convencendo de que não era um sonho, ficou estupefata. As paredes brancas da sala tinham sido pintadas por um louco, que fizera os desenhos mais extravagantes nas paredes. Ia descer para perguntar ao encarregado o que era aquilo, quando souou uma voz atrás dela:

— Magnífico, não?

— Era um operário. Um pintor. Seria ele o autor daquela monstruosidade?

— Eu tinha tanta vontade de pintar uma parede... Hoje fiz o que queria. Nada de uma cor só. Nada de branco. Coisas magníficas, extravagantes, loucas!

O homem riu.

— Louco está você, pensou Hildegarte mas não ousou repetir o que estava pensando em voz alta.

De repente o homem disse:

— Agora vou pintá-la, também! Dispa-se!

— O que?

— Eu quero um modelo para o meu nú artístico.

Esse homem está mais que louco, pensou Hildegarte e quis sair.

— Não. Não sairá. Vai posar para mim. Vou fazer um quadro que há de assombrar o mundo. Um quadro nessa parede! Ah! Ah! Ah!

O homem se aproximou. Hildegarte gritou.

O guarda tranquillizou-a:

— Já foi levado para o hospício, madame. E' um caso comum. Às vezes a tinta intoxica o pintor de tal maneira que ele começa a delirar. E' efeito de tintas de má qualidade.

Hildegarte suspirou..

— Que quarto de hora!

De repente ouviu o rumor que vinha de fora.

— Que há?

— Um novo roubo. Enquanto a senhora era atacada pelo pintor louco, houve um novo roubo. Lembra-se de que a esmeralda que havia na vitrine foi esquecida pelo ladrão no seu primeiro roubo? O inspetor Oscar mandou colocá-la lá para que o criminoso voltasse e fôsse preso. Pois estava preparada a armadilha. Ele voltou e roubou a esmeralda.

— Foi preso?

— Não. Mas estamos dando uma busca na rua. E ninguém sai sem ser revistado.

Oscar passeava para cima e para baixo.

— Incrível, incrível!

— Ele estava prevenido, comentou Hildegarte.

— Sim, o ladrão soube, pelos jornais, que íamos tentar agarrá-lo. Mas como escapou, se a rua estava cercada?

— Isso não sei.

— Pois é esse o problema e a esmeralda desapareceu e eu sou quase responsável pois aconselhei ao dono da loja a colocá-la na vitrine contra a sua vontade, pensando que agarraria o ladrão...

— E' um caso sério...

— Mais do que isso. E' um caso terrível!

— Que é que você tenciona fazer?

— Sei lá!

— Oscar!

(Continua na página 45)

★ Água de Colônia
★ Brilhantina
★ Extrato
★ Loção
★ Óleo perfumado
★ Pó de Arroz
★ Sabonete

Perfume
Organdy
de **BAZIN**

Obra prima da perfumaria!

P. Ferraz



A alegria do lar

é o seu filho quando está com saúde. Entretanto a diarreia pode pô-lo em perigo a vida. Recorra imediatamente aos famosos comprimidos de Eldoformio, producto da casa «Bayer».

Contra as diarreias em geral nada melhor que comprimidos de



Eldoformio

Bom para os adultos como para as crianças.



MALTOGENO

Medicação
tónico - nutritiva
útil às MÃES e
AMAS DE LEITE



Desperte a Bilis do seu Fígado

O fígado de cada um dispõe para todo o dia de um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente os alimentos não são digeridos e acumulam-se no corpo, trazendo consequências. Sobretudo a prisão de ventre. Você se sente aborrecido e cansado que não consegue fazer nada. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Para ativar o movimento da bilis e despertar a bilis do seu fígado, recorra ao Bilis do seu Fígado. Este produto contém a bilis do seu fígado e a bilis do seu fígado. Para ativar o movimento da bilis e despertar a bilis do seu fígado, recorra ao Bilis do seu Fígado. Este produto contém a bilis do seu fígado e a bilis do seu fígado.

a Bôca



"Arco de Cupido"



Coração de galinha.



Polpuda.



Platibanda.



Patamar.



Côrte de fôca.



Sinuôsa



Desertora



Afoga-da



Válvula



De fôco



Rancho



MODELO DE "ENTRANCE HALL"

Oferecemos hoje aos nossos leitores um modelo de *entrance hall*, colhido numa residência aristocrática norte-americana. Apenas três peças servem para ornamentar este compartimento da residência: um sofá de setim rubro, ladeado por duas mesas de cristal guarnecidas por pés de marfim. Esta é mais uma sugestão que oferecemos aos amantes das decorações modernas.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

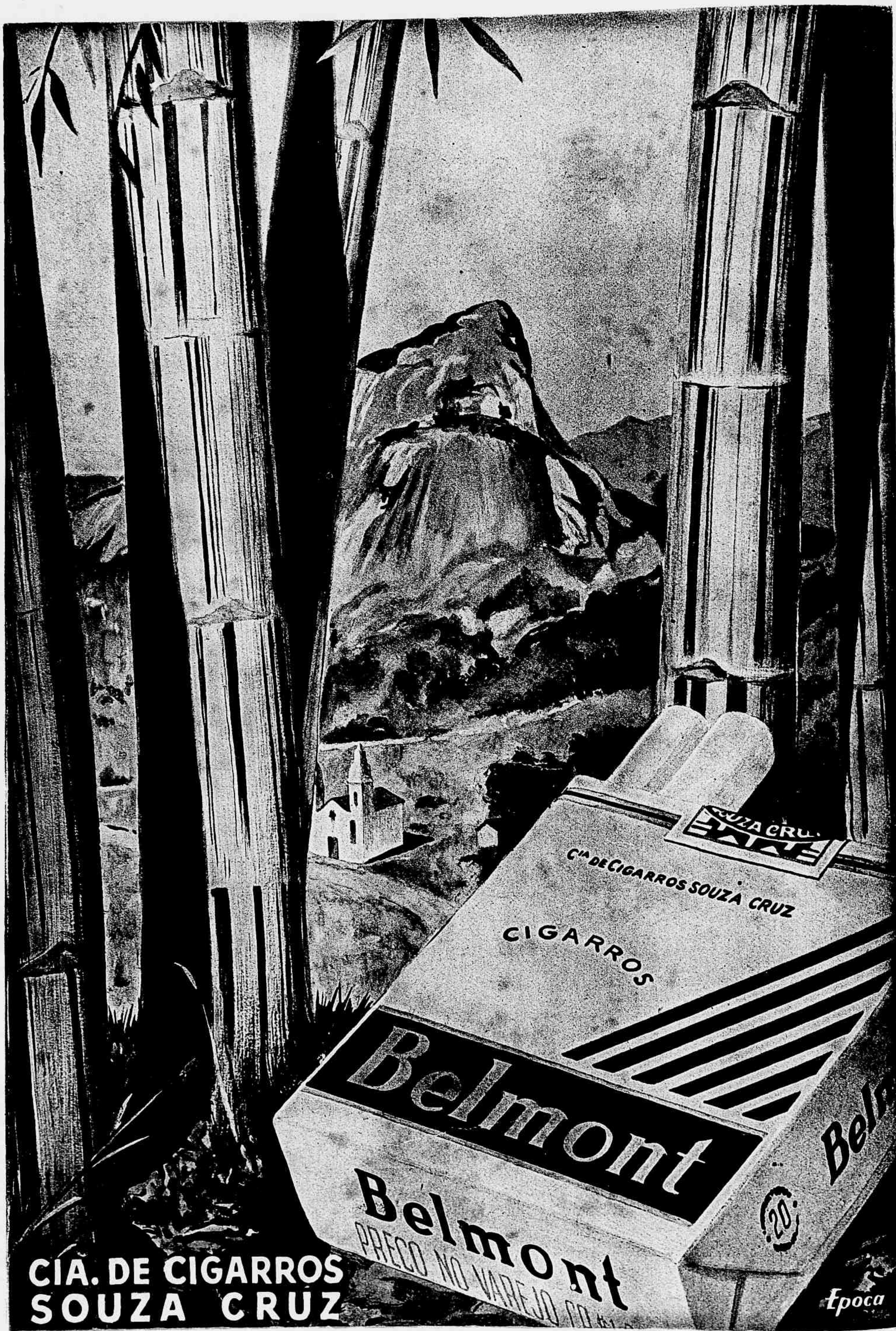
OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SÓMENTE

65 RUA DA CARIOCA 67-RIO
NÃO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS



**CIA. DE CIGARROS
SOUZA CRUZ**

Epoca